

# **Seminário sobre agitação e propaganda**

**APOSTILA 5  
Nahuel Moreno**

Janeiro/fevereiro de 2020

# Sumário

O partido e a revolução (extratos) .....	3
A traição da OCI(u) (extratos) .....	31

# O partido e a revolução

Nahuel Moreno

(1973)

## Capítulo 6 – Partido mandelista ou partido leninista?

### O novo caráter de nossos partidos

[...]

#### A verdadeira relação entre ação, experiência e consciência

Pelo esquema mandelista, as massas, a vanguarda e o partido percorrem diferentes e difíceis caminhos para chegar à consciência, à ação ou à experiência.

Desse esquema, já eliminamos a vanguarda; uma vez que se trata de fenômeno, seu desenvolvimento não pode seguir nenhuma sequência previsível. Só falta acrescentar que, enquanto cumpre papel de vanguarda, qualquer setor obedece, nesse período, as mesmas leis de desenvolvimento que o próprio movimento de massas e o partido obedecem, ainda que de forma contraditória. Para os marxistas, “o espontâneo é a forma embrionária do consciente”. Ou seja, ação, experiência e consciência são partes de uma totalidade que se dá em todos os níveis, desde o partido até as massas. O elemento determinante dessa totalidade são as ações do movimento de massas. Não vemos por nenhum lado essa ação sem consciência que Mandel atribui à classe operária e às massas. Ao contrário, acreditamos que não existe nenhuma ação sem consciência prévia. O regime capitalista e imperialista, com suas infâmias, provoca mudanças na consciência das massas (ódio, repúdio, indignação etc.) que são prévias a todas as ações. Se existisse uma sequência, diríamos que é a seguinte: a realidade objetiva da sociedade burguesa causa impacto na consciência das massas e isso desencadeia suas ações. Mas esta realidade objetiva causa impacto por meio de uma experiência – a de sofrer a exploração. Por exemplo: o patrão explora o operário (realidade objetiva do regime capitalista); este sofre a exploração (faz a experiência de ser explorado); sente desejos de mudar sua situação (chega à consciência de que deve lutar contra o patrão); lança-se à luta (passa para a ação).

De qualquer modo, essa sequência não é nada mais que um esquema, porque o operário contemporâneo, por exemplo, antes de sair à luta, vai ao sindicato; isto é, sua experiência não parte do zero, já que se apoia na experiência das camadas anteriores de operários; não necessita nem repetir exatamente o caminho dos antecessores nem reinventar o sindicato em cada luta. Já sabe até certo ponto [...] é consciente dessa experiência.

Mandel poderia dizer agora que a classe operária só aprende com suas ações. Isso é certo, mas não contradiz o anterior: não quer dizer que a classe operária efetue ações sem consciência. Nas ações do movimento de massas, encadeiam-se distintos níveis de consciência e experiência. Cada ação tem sempre como ponto de partida um determinado nível, que desembocará em outro superior, que por sua vez será ponto de partida de novas ações.

Dentro da consciência da classe operária e das massas exploradas, há uma luta entre concepções falsas e verdadeiras. Um operário social-democrata, por exemplo, odeia o fascismo, o

considera seu pior inimigo e quer a unidade operária [...] contra ele, mas ao mesmo tempo confia em sua direção [...] reformista. Em relação ao fascismo tem uma consciência verdadeira; em relação à sua direção [...] à forma de lutar contra o inimigo, uma falsa. Aqui, como em todo conhecimento, o papel da prática é decisivo. Somente a prática pode consolidar sua consciência de classe e atacar a sua falsa consciência; somente a prática poderá permitir-lhe superar o falso e afirmar o verdadeiro, para chegar a um novo nível de consciência, que terá novas contradições, sempre superáveis através de novas ações. Dizer, porém, que a prática é o fator determinante no caminho da consciência de classe não quer dizer que o caminho comece por ali.

Mandel poderia insistir que [...] estamos de acordo com ele em que a ação é a única que leva à consciência de classe e que, portanto, nesse ponto, não temos diferença. Não é certo. Temos duas divergências fundamentais. A primeira é que Mandel fala de um nível de consciência desconhecido e nós da consciência de classe, que todos sabemos o que é. Para ele, cada setor chega a um diferente nível de consciência (a vanguarda, por exemplo, chega a uma consciência “empírica e pragmática”) e somente o partido revolucionário chega à consciência de classe (que, para Mandel, é científica e não política). A segunda diferença é que para nós a consciência de classe se alcança justamente por meio de um fator superestrutural, o partido revolucionário, e não por meras ações e experiências do movimento operário.

As massas não chegam à consciência de classe de forma automática, à consciência universal e histórica. Podemos dizer que o movimento de massas se aproxima dela de forma assintótica, isto é, em cada etapa está mais próximo dela, porém nunca a alcança por seus próprios meios. O partido é o único que pode fazer com que essas duas linhas, cada vez mais próximas uma da outra, deixem de ser assíntotas; que o movimento de massas se confunda com a consciência política de classe.

A concepção mandelista é a posição típica dos intelectuais anticonformistas, existencialistas e fenomenólogos europeus do pós-guerra, dos quais Sartre é um clássico expoente. Significa a negação do Homem e, nesse caso, do caráter humano do movimento de massas e da classe operária, porque o Homem se diferencia dos animais por ser consciente, em diferentes graus, de suas ações.

O partido cumpre com as mesmas leis que o movimento de massas, mas num nível qualitativamente superior. A consciência do partido revolucionário não é mais que a experiência histórica do movimento operário e de massas. Em vez de partir de uma consciência e de uma experiência parciais e limitadas, o partido parte da consciência e da experiência históricas e universais. Para extraí-las, utiliza uma série de ciências combinadas em uma – o marxismo –, as eleva à consciência histórica, universal e abstrata e a transforma num programa político marxista.

### **Consciência científica ou política?**

Para Mandel, “a categoria de partido revolucionário surge do fato de que o socialismo marxista é uma ciência, que, em última análise, só pode ser assimilada completamente de forma individual e não de maneira coletiva”<sup>1</sup>. E isso acontece porque “o marxismo constitui a culminação [...] de pelo menos três ciências sociais: a filosofia clássica alemã, a economia política clássica e a ciência política clássica francesa [...]”<sup>2</sup> e “sua assimilação pressupõe [...] um entendimento da dialética materialista, do materialismo histórico, da teoria econômica marxista...[...]”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> MANDEL, Ernest. *A teoria leninista da organização*, 1970, pp. 60-61

<sup>2</sup> Idem, p. 17.

<sup>3</sup> Idem.

Isso quer dizer que elevar-se à consciência de classe é chegar à compreensão teórica, científica e global do marxismo como ciência; manejar a dialética, a sociologia, a economia e a história marxistas. Por isso, só poderia ser assimilada “de forma individual e não coletiva”. Por isso, só uma ínfima minoria científica pode chegar a ela. É a concepção mais derrotista que se poderia imaginar. Na realidade, é uma tarefa impossível para o movimento operário realizar. Se pretendemos expulsar da consciência dos trabalhadores todo o lixo ideológico acumulado pela burguesia e pela burocracia e substituí-lo pela “ciência marxista” [...], não devemos construir um partido, mas pedir ao imperialismo que nos financie a construção de uma universidade com capacidade para centenas de milhões de trabalhadores de todo o mundo, com bolsas de estudo para que todos possam frequentá-la. Como Mandel vê que isso é impossível, conforma-se em dizer que somente uma pequena minoria de indivíduos pode elevar-se à consciência de classe.

Isso cria um problema para ele: o que fazer com essas massas que são incapazes de adquirir a consciência de classe? Mandel-Germain “resolve” esse problema liquidando o partido como partido político revolucionário e dando grande importância, em seu lugar, a um setor social específico, a “intelectualidade técnica”. Ela teria, segundo Germain, “a possibilidade de participação massiva dentro do processo revolucionário e na reorganização da sociedade”, que levará aos “extratos desesperados e críticos da classe operária o que eles não podem realizar devido ao estado fragmentado de sua consciência: o conhecimento e a consciência que lhes possibilitará reconhecer a verdadeira face da [...] velada exploração e da opressão disfarçada a que são submetidos”. Ou seja: essa intelectualidade, que se transforma em revolucionária como setor social, não como parte da militância partidária, tem em suas mãos a tarefa de despertar a consciência da classe. A principal tarefa do partido revolucionário, já que a fundamental ficou nas mãos da intelectualidade, será de assessorar teoricamente essa intelectualidade técnica, dando a ela cursos de “ciência social crítica” mandelista. Assim, o papel dessa “ciência social crítica” é decretar a morte do partido bolchevique. Com isso, Mandel, entre outras coisas, dá fundamento a uma acusação que a burguesia faz permanentemente ao movimento de massas revolucionário: que é uma massa inconsciente arrastada e enganada por um punhado de agitadores que escondem seus fins políticos.

Para Mandel, a classe operária não pode reproduzir de forma massiva nenhum conhecimento, o que equivale a dizer que a sociedade em seu conjunto não avança no conhecimento. Ele acredita que, assim como só os indivíduos assimilam o socialismo científico, somente os indivíduos são capazes de assimilar e reproduzir os conhecimentos acumulados pela humanidade [...]. O que está fazendo Mandel é confundir a parte concreta dos conhecimentos (isto é, os resultados) com sua elaboração. Porém a sociedade (ou a classe operária, ou qualquer outro setor dela) avança incorporando os resultados científicos, não os métodos de investigação que levaram a esses resultados. Negar isso seria o mesmo que dizer que um indivíduo que não estudou Medicina e Farmacologia não saberá utilizar a aspirina. [...]

O que Mandel faz é criar dois tipos de consciência: a de vanguarda, que é “empírica” e “pragmática” e a consciência de classe, que é “científica global”, ou seja, a da “compreensão teórica”. Isso significa que a consciência política, o programa, não existe nesta moderna fenomenologia da classe operária. Para Mandel, o fato de o operário estar ou não de acordo com o programa do partido revolucionário não tem relação com seu nível de consciência; não significa que tenha se elevado à consciência de classe. Para Trotsky [...] “não se pode formular os interesses de classe de outro modo que não seja por meio de um programa, como tampouco se pode defender um programa sem criar um partido”.

A classe, tomada em si, não é mais que terreno para exploração. O papel do proletariado começa no momento em que de classe social em si passa a classe política para si. Só é possível conseguir isso por meio de um partido. O partido é esta ferramenta histórica com a qual a classe adquire consciência [...]. O desenvolvimento da consciência de classe, isto é, a construção de um partido revolucionário que arraste atrás de si o proletariado, é um processo complicado e contraditório.<sup>4</sup>

Como vemos, para Trotsky, “o desenvolvimento da consciência de classe” é um processo objetivo. A categoria de partido revolucionário surge do fato de que o marxismo, como partido, é um programa. Imaginemos um partido integrado por grandes intelectuais que lidam perfeitamente com os aspectos científicos do marxismo, mas que não se preocupam em formular um programa político nem em trabalhar com ele sobre o movimento de massas. Esse é um partido revolucionário? Não. Um partido revolucionário é, evidentemente, aquele no qual alguns companheiros entendem a fundo o marxismo e colaboram com a imensa maioria de trabalhadores que militam nesse partido para formular um programa correto e levá-lo à prática.

Entre o programa do partido e a ciência marxista, há uma relação dialética: sem teoria (ciência) marxista não se pode elaborar um programa revolucionário. Também há uma relação dialética entre esse programa e as ações das massas: se não parte das ações das massas, o programa não pode ser revolucionário. E também há uma relação dialética com a atividade do partido: sem um partido que o leve à prática, nenhum programa é, por si mesmo, revolucionário.

Todos esses elementos confluem para alcançar essa realidade concreta que é o partido revolucionário com seu programa. E este partido é “o mais alto grau de desenvolvimento da consciência de classe proletária”, como diria Mandel.

Por isso dissemos que Mandel, ao superestimar uma parte essencial do partido revolucionário, a ciência marxista, cai num desvio cientificista intelectual sobre o papel do partido e da consciência de classe. A consciência de classe é a transformação da “classe social em si” em “classe política para si” segundo Trotsky. Para Mandel, seguindo seu raciocínio, a consciência de classe deveria ser a transformação da classe operária em consciência científica e não em consciência política, como para Trotsky. E isso é uma barbaridade.

Basta que setores da classe operária apoiem politicamente o partido marxista para que se elevem à consciência de classe. Basta que indivíduos ou setores da classe se incorporem ao partido e aceitem seu programa e estatutos para que sejam a máxima expressão da consciência de classe. Isso é assim ainda que as massas que apoiam politicamente o partido e os indivíduos ou setores que se incorporam a ele, aceitando seus estatutos e programa, não saibam uma só palavra de filosofia, economia ou sociologia marxista, ou seja, que não tenham assimilado “completamente” o marxismo como “ciência”. Esse é o critério clássico, de Lenin e Trotsky. Como vemos, muito menos exigente que o de Mandel.

A consciência de classe significa que os operários saibam que a sociedade sofre de um câncer, o regime capitalista e imperialista, e que o único remédio para esse câncer é o nosso programa e o nosso partido. Esse conhecimento, como assinalava Trotsky, pode e deve ser adquirido de forma massiva, e não individual, pelo movimento operário e de massas. O movimento operário e de massas adquire esse conhecimento confrontando, no transcurso de suas ações, as diferentes políticas que lhe propõem os diversos partidos que existem em seu meio.

---

<sup>4</sup> TROTSKY, Leon. “O ultimatismo burocrático”. Em: *A luta contra o fascismo na Alemanha*, pp. 111 e 112.

Se existe um partido revolucionário que dá a política correta, isto é, a que responde aos interesses históricos e imediatos da classe operária) em cada uma das lutas, o movimento operário e de massas o reconhecerá como seu partido e terá se elevado à consciência política de classe. Se esse partido não existe, o movimento não poderá fazê-lo. O papel do marxismo “como ciência” é transformar os interesses históricos e imediatos da classe operária num programa de mobilização, ou seja: numa política para cada luta real do movimento de massas, que tende a dirigir essa luta em direção à tomada do poder para, dessa maneira, ganhar as massas para nosso programa e nosso partido, liquidando as suas direções traidoras e oportunistas.

[...]

## Lenin e Trotsky sobre a orientação dos partidos comunistas e trotskistas

O camarada Mandel assinalou de passagem que sua interpretação do novo papel do partido leninista foi antecipado por Lenin em *O Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. Suponhamos que os parágrafos que ele cita sejam os seguintes:

O primeiro objetivo histórico (o de ganhar para o poder soviético e para a ditadura da classe operária a vanguarda do proletariado com consciência de classe) não podia ser alcançado sem uma vitória ideológica e política completa sobre o oportunismo e o social-chauvinismo...<sup>5</sup> [e] O principal já se conseguiu: foi ganha a vanguarda da classe operária [...] a vanguarda proletária foi conquistada ideologicamente. Isso é o principal.<sup>6</sup>

Lenin disse isso num momento histórico concreto: quando lutava contra o oportunismo para ganhar os operários socialistas de esquerda e anarcossindicalistas para a III Internacional. E referia-se a uma vanguarda também concreta: uma vanguarda operária que era o mais avançado de sua classe, que tinha forte influência e era muito reconhecida por amplos setores da classe operária. O capítulo em que se inserem essas citações começa assinalando esse fato, que configura uma situação diferente da atual, na qual a numerosa vanguarda existente não é reconhecida na classe trabalhadora e predominam nela os elementos não proletários. Para Lenin, tratava-se de ganhar essa vanguarda para concretizar a vitória dos revolucionários russos em nível organizativo e de vanguarda mundial. Porém essa tarefa central sobre a vanguarda não o levou a modificar as características principais dos partidos comunistas; continuou considerando-os um órgão para conduzir as massas à revolução proletária. O esforço de Lenin estava concentrado justamente em convencer a vanguarda de que deveria organizar partidos bolcheviques com uma política marxista revolucionária para as massas e não para a vanguarda em cada um de seus países.

Colocadas essas citações em seus devidos lugares, cabe perguntar por que as usou em vez de citar as resoluções da III Internacional. Nós sabemos por quê: porque os quatro primeiros congressos da Internacional Comunista disseram o contrário do que diz Mandel-Germain:

[...] esta minoria que é comunista e que tem um programa, que quer organizar a luta das massas, é o *Partido Comunista*. O Partido Comunista só difere da grande massa dos trabalhadores naquilo que considera a missão histórica de toda a classe operária. E se esforça a todo momento para defender não os interesses deste ou daquele grupo ou profissão, mas de toda a classe operária.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> LENIN, V. I. “Esquerdismo, doença infantil do comunismo”. Em: *Obras completas*, p. 27.

<sup>6</sup> Idem, p. 101.

<sup>7</sup> Resolução sobre o papel do Partido Comunista na revolução proletária. Em: “Os quatro primeiros congressos da Internacional Comunista”. *Cuadernos de Pasado y Presente*, Buenos Aires, 1973, pp. 135 e 131.

O Partido Comunista, se é realmente vanguarda da classe revolucionária... terá sabido unir-se indissolavelmente a toda a existência da classe operária e, por seu intermédio, a toda a classe explorada.<sup>8</sup>

Como vemos, a Internacional Comunista coloca com nitidez que o objetivo dos partidos revolucionários deve ser “organizar a luta das massas” (não da vanguarda); definir sempre (“a todo momento”) os interesses de “toda a classe operária”, não de alguns grupos (o que é a vanguarda senão um “grupo” dentro do movimento operário?); e para isso deve “saber unir-se indissolavelmente a toda a existência da classe operária” (não a existência parcial de um setor, mesmo que seja de vanguarda).

[...]

## **Nosso trabalho político sobre as massas e a vanguarda: propaganda e agitação**

Pelo que dissemos até agora, pode parecer que opinamos que o partido deve ignorar a existência das vanguardas que surgem a cada momento da luta de classes e que não se pode propor a elas nenhuma atividade. Isso não é verdade. Reconhecemos que a vanguarda do movimento operário e do movimento de massas é um setor ao qual devemos dar importância e sobre o qual devemos trabalhar. O que dissemos até agora é que essas vanguardas não são as que definem a política do partido, nem suas palavras de ordem, nem sua organização, nem suas análises.

Há uma grande parcela da atividade do partido que está destinada à vanguarda: a propaganda. Assim definiu Lenin quando disse: “Enquanto se tratava (e na medida em que ainda se trata) de ganhar para o comunismo a vanguarda do proletariado, a prioridade recaía e recai no trabalho de propaganda.”<sup>9</sup>

O problema é que, para Mandel-Germain, nosso trabalho sobre a vanguarda deve ser muito mais ambicioso do que nos propunha Lenin. Trata-se de

[...] campanhas políticas nacionais em torno dos problemas cuidadosamente escolhidos para coincidir com as inquietações (necessidades) da vanguarda, que não estejam contra a corrente da luta de massas e ofereçam a nossas seções a possibilidade de demonstrar capacidade de iniciativa efetiva, ainda que modesta.<sup>10</sup> [e] concentrar sua propaganda e, onde seja possível, sua agitação, sobre a preparação desses operários avançados.<sup>10</sup>

E o documento de Germain esclarece ainda mais essa posição. Segundo ele, o que foi planejado no 9º Congresso:

[...] foi um giro em direção à transformação das organizações trotskistas de grupos de propaganda em organizações já capazes daquelas iniciativas políticas, no nível da vanguarda de massas, que são solicitadas pela dinâmica da própria luta de classes.<sup>11</sup>

Para a maioria, deve-se tender à agitação e às ações (“iniciativas políticas”) “no nível da vanguarda de massas”. Ainda que fosse correto que os esforços de nossas seções se concentrassem na vanguarda, só o fato de propor agitação e ações sobre ela já entra em contradição com o leninismo (“a prioridade recai sobre o trabalho de propaganda”).

Deveria ser amplamente conhecida a definição de propaganda como “a atividade de transmitir muitas ideias a poucos” e a de agitação como a de “transmitir poucas ideias a

<sup>8</sup> “A tarefa da Internacional Comunista”, idem, p. 118.

<sup>9</sup> LENIN, V. I. “Esquerdismo, doença infantil do comunismo”. Em: *Obras completas*, p. 27.

<sup>10</sup> GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, p. 113.

<sup>11</sup> Idem, p. 102.



muitos”. A propaganda vai de um curso de economia marxista ou de lógica dialética até uma palestra individual com um ativista operário, a quem explicaremos a situação nacional e internacional, nosso programa e as diferenças entre a nossa e as outras organizações operárias. A agitação, pelo contrário, consiste em levantar umas poucas palavras de ordem (às vezes uma só) que deem saída para a luta que trava em cada momento o movimento operário e de massas (aumento de salários, liberdades democráticas, assembleia constituinte, todo poder aos soviets etc.).

O que caracteriza um partido leninista-trotskista é que sua atividade principal é a agitação sobre toda a população explorada, e não só sobre um setor dela, ainda que esse setor seja a classe operária. O que caracteriza o partido mandelista é que sua atividade principal é a agitação e as campanhas políticas principalmente sobre a vanguarda.

### **A arte de encontrar as palavras de ordem**

Um partido bolchevique começa fazendo uma análise da etapa da luta de classes. Dessa análise, surgem uma, duas ou três tarefas essenciais para o movimento de massas, que concretizamos em palavras de ordem. Esse é o aspecto concreto de nossa política, por isso é o fundamental. A teoria e a propaganda servem para precisar esse aspecto. Toda a nossa atividade (incluindo a teoria e a propaganda) está subordinada a este objetivo último: definir quais são as tarefas gerais que as massas enfrentam numa etapa determinada para traduzi-las em palavras de ordem.

Vejam um exemplo: toma posse um novo governo. O esforço teórico do partido se concentrará em definir esse governo com precisão, em analisar com cuidado a relação de forças entre as classes, os setores que integram o novo governo e os que estão na oposição, a relação de ambos com o imperialismo, o papel que desempenham nele as Forças Armadas etc. Se daí se deduz, por exemplo, que é um governo bonapartista contrarrevolucionário, definiremos umas poucas palavras de ordem agitativas que responderiam às necessidades que esse governo coloca ao movimento de massas (defesa das conquistas econômicas, liberdades democráticas, defesa das organizações operárias). Constataremos, porém, que essa caracterização e essas tarefas são distintas das que propõem as direções reformistas e burocráticas e a ultraesquerda e que também se chocam com as tendências espontâneas da vanguarda. Isso exigirá que nossa propaganda gire ao redor da explicação constante das características do regime, da polêmica com nossos inimigos internos ao movimento operário sobre essa caracterização e por que as tarefas que propomos ao movimento de massas são as corretas. Em síntese: nossa teoria estará voltada a descobrir quais palavras de ordem deveremos agitar; nossa propaganda, a explicar à vanguarda por que devemos agitar essas palavras de ordem e não outras. Isso não quer dizer que sejam nossas únicas atividades teóricas e de propaganda, mas são as principais.

Esquemmatizando, podemos dizer que toda a ciência e a arte trotskistas sintetizam-se na capacidade de elaborar as palavras de ordem adequadas para cada momento da luta de classes. [...]

Lenin baseia essa linha de denúncias políticas numa confiança cega na capacidade de organização e de mobilização do operário atrasado ou do operário médio, e não na capacidade especial dos operários de vanguarda ou “avançados”. Em relação ao movimento de massas, nunca se detém na vanguarda operária ou na necessidade de que o partido tome iniciativas próprias na ação, mas somente na organização de campanhas agitativas. Para Lenin, se causamos impacto nas massas com uma dessas campanhas, os operários são capazes de tudo. O

papel do partido é iniciar essas campanhas, acompanhar e dirigir o movimento de massas. Por isso criticava os intelectuais “que não sabem ou não têm a possibilidade de ligar o trabalho revolucionário ao movimento operário para formar um todo”. [...]

Já vimos como Trotsky recordava a Espanha (um país tão caro a Mandel-Germain que o usa como analogia para a atual situação europeia):

As forças de que dispomos são pequenas. Mas a vantagem de uma situação revolucionária consiste em que um grupo, inclusive pouco numeroso, pode chegar a ser uma grande força num curto espaço de tempo, com a condição de que saiba formular prognósticos exatos e lançar a tempo as palavras de ordem corretas.<sup>12</sup>

Trotsky resume sua posição dizendo:

A agitação não é somente um meio de comunicar às massas esta ou aquela palavra de ordem, de chamá-las à ação etc. Para o partido, a agitação é também um meio de escutar as massas, de sondar seu estado de ânimo e seus pensamentos e, segundo os resultados, de tomar uma ou outra decisão prática.<sup>13</sup>

[...]

### **A especificidade das palavras de ordem**

Essas verdades superconhecidas foram esquecidas – ou nunca assimiladas – pelos camaradas da maioria. Eles defendem o trabalho sobre a vanguarda, enquanto Lenin e Trotsky defendem a agitação sobre as massas. Essa diferença entre nós, que seguimos as lições de Lenin e Trotsky, e os que seguem os camaradas da maioria se manifesta de forma nítida nas atividades militantes de nossas seções. Por mais que nos esforcemos em descobri-las, não conseguimos saber quais são as palavras de ordem gerais e importantes para a ação de nossa seção francesa, por exemplo. Se alguma coisa a caracteriza, é a carência de palavras de ordem gerais para o movimento operário e de massas.

Não falando do programa, mas de uma, duas ou três palavras de ordem que caracterizem e respondam às necessidades do movimento de massas na situação atual da França. Os camaradas estadunidenses tiveram uma palavra de ordem fundamental nos últimos anos: “Retiremos as tropas das tropas do Vietnã, já”. [...] Quais as palavras de ordem centrais da campanha eleitoral dos camaradas franceses? É impossível sabê-lo. [...]

Insistimos que não estamos negando a enorme importância do trabalho sobre a vanguarda operária ou de massas. Ao contrário, há momentos da luta de classes em que este se converte em nosso trabalho fundamental. Quando há uma grave derrota histórica do movimento operário, nossa atividade essencial é a propaganda sobre a vanguarda até que o movimento operário se recupere. Houve também uma situação excepcional que transformou o trabalho sobre a vanguarda no eixo da atividade revolucionária num período de ascenso. Foi a situação que já vimos, na construção da III Internacional, baseada na vitória da Revolução Russa e na aparição do primeiro Estado operário. Nesse caso, esteve colocado por um ou dois anos ganhar de uma só tacada toda ou quase toda a vanguarda mundial por meio do exemplo e entusiasmo despertado pelo triunfo espetacular do movimento de massas com uma direção bolchevique. Essa direção se expande em escala mundial por meio da vanguarda, porque a vanguarda assimila esse triunfo do movimento de massas. Essa situação se explica pela lei do desenvolvimento desigual e combinado no caso do movimento revolucionário mundial.

---

<sup>12</sup> TROTSKY, Leon. “Por um manifesto da oposição sobre a revolução espanhola”. Em: *A revolução espanhola*, vol. 1, p. 167.

<sup>13</sup> TROTSKY, Leon. “Uma vez mais: para onde vai a França?”. Em: *Aonde vai a França?*, pp. 81-82.

Uma vitória colossal, com uma direção marxista revolucionária, do movimento de massas de um determinado país acontece paralelamente e de forma interconectada com o reflexo mundial dessa vitória na vanguarda. Mas, novamente, aqui o elemento decisivo foi o movimento de massas. [...]

[...] Mas não devemos nos enganar. Esse giro da vanguarda só acontecerá no impulso de uma vitória do movimento de massas e por nenhum outro motivo.

### **Como se ganha a vanguarda**

Tanto uma situação “normal”, na qual a tarefa é a agitação no movimento de massas, como as situações momentâneas e excepcionais que descrevemos nos apresentam uma pergunta. Como trabalhamos com a vanguarda? Como a ganhamos? Talvez com uma política específica? A maioria opina que sim, que a vanguarda se ganha desenvolvendo campanhas nacionais sobre questões que “correspondem às inquietações da vanguarda” e tomando “iniciativas nessas questões”. Nós opinamos o contrário: que devemos ganhar a vanguarda explicando pacientemente a ela (fazendo propaganda sobre ela) nossa política para o movimento operário e de massas, e não com uma política específica para ela. Esse problema é muito importante, porque nele está a origem da maior parte das diferenças políticas concretas entre a maioria e a minoria.

A vanguarda nunca surge com tendências para a política trotskista ou bolchevique. Surge expressando as tendências espontâneas da luta do movimento de massas num momento e recebe a primeira lição política dos partidos reformistas com influência de massas, da burocracia sindical e dos fenômenos mundiais da revolução. Essas são as ideias que primeiro conhece, antes só conhecia o veneno que vomitam todos os dias os órgãos de propaganda da burguesia. O partido revolucionário não tem nenhuma possibilidade de competir com a propaganda da burguesia e seus agentes no movimento operário. Partimos, pois, de uma situação de inferioridade. A vanguarda contemporânea, por exemplo, nasceu para a vida política sob a pressão da propaganda stalinista, em um polo, e a castrista, em outro. Isso explica por que, durante um tempo, se discutisse fundamentalmente os problemas da luta armada.

Se tomamos essas “inquietações” como ponto de partida, seremos obrigados a optar (como ocorreu com os camaradas da maioria) por um ou outro polo. Talvez consigamos, moldando-nos a essa situação, captar um setor dessa vanguarda, mas somente à custa de sacrificar a nossa própria linha política.

Vejamos: captar a vanguarda pró-guerrilheira, transformando-nos em guerrilheiros, ou a vanguarda stalinista, transformando-nos em pró-stalinistas, de que servirá? De nada. [...]

[...]

Captar a vanguarda é um avanço para o processo revolucionário somente se a captamos para a política revolucionária. [...]

O que significa ganhar a vanguarda para a política trotskista? Algo muito simples: ganhá-la para a agitação, no movimento de massas, das palavras de ordem que nosso partido elabora de forma científica em cada etapa, para a estratégia de construir um partido bolchevique e para o programa do partido. E lutar dia após dia, contra as direções burocráticas e reformistas, em primeiro lugar, e contra as tendências ultraesquerdistas, em segundo.

Significa dizer, diante de cada problema da luta de classes: “Companheiro de vanguarda, diante dessa situação, o stalinismo propõe tal tarefa para o movimento de massas; essa tarefa

é incorreta porque [...]. O esquerdismo propõe [...]. Se você fizer isso, terminará sendo derrotado pela burguesia. Nós propomos [...] Que detecte com cuidado quais são os problemas pelos quais seus companheiros estão dispostos a se mobilizar, que procure a palavra de ordem correta para levar adiante essa mobilização; e o que você está fazendo em seu trabalho faça também nacionalmente e em todo o mundo. [...] dar um passo além do seu local de trabalho. É necessário organizar um partido de militantes [...] Mas sabemos que essa mobilização das massas terminará na tomada do poder ou será derrotada e temos um programa, o programa de transição, que encadeia as palavras de ordem até conduzir as massas para a tomada do poder. Convidamos você a construir esse partido conosco e a aderir ao nosso programa.”

É bastante simples a tarefa sobre a vanguarda: partir das palavras de ordem que agitamos no movimento de massas e ganhá-la para o partido e o programa do qual emergem aquelas palavras de ordem. E o que é tudo isso que devemos dizer à vanguarda senão propaganda (muitas ideias para poucos)? Mas como poderemos fazer propaganda se não somos campeões da agitação daquelas palavras de ordem?

Mais que isso: nos casos “excepcionais” que citamos, nossa propaganda tem o mesmo sentido. Depois de uma derrota histórica do movimento de massas, passaremos anos fazendo propaganda sobre a vanguarda. E o que lhe diremos? “Companheiro, o movimento operário está derrotado, mas confiamos incondicionalmente que ele voltará a lutar. Não se meta em ações por sua própria conta: estude e assimile toda a experiência acumulada pelos trabalhadores em mais de um século de luta; forme-se como direção dessas novas lutas que inevitavelmente vão vir; sonde com cuidado seus companheiros e, assim que os vir dispostos a reiniciar as lutas, ainda que seja por uma questão ínfima e mesquinha, procure e proponha a palavra de ordem adequada para essa luta. O único lugar no qual você pode estudar e aprender toda essa experiência, o único lugar no qual poderá elaborar essa palavra de ordem é o nosso partido.”

Vejam os outros casos excepcionais, o da III Internacional. Por acaso definiu uma política específica para ganhar a vanguarda mundial? Fez “campanhas políticas nacionais” em torno das “inquietações” da vanguarda? Colocou-se a favor dos socialistas de esquerda e dos anarcossindicalistas – os quais queria ganhar – contra o oportunismo e o social-chauvinismo dos partidos social-democratas? Nada disso. Ganhar a vanguarda significava convencê-la de que deveria ter “um trabalho de agitação... dirigido às grandes massas”, ganhá-la para a política do partido bolchevique russo. E isso significava fazê-la romper de forma definitiva com os partidos social-democratas e as tendências anarquistas para que construíssem, em cada um dos seus países, partidos bolcheviques ao estilo do partido russo. Por que aquela foi a única ocasião em que Lenin propôs que a tarefa central era ganhar a vanguarda? Porque o impacto da grande vitória do movimento de massas que foi a Revolução Russa fez com que, pela primeira (e até agora única) vez na história, a propaganda do marxismo revolucionário pudesse competir com êxito com a propaganda burguesa e reformista; porque pela primeira (e até agora única) vez na história, a vanguarda de todo o mundo se orientou para o marxismo revolucionário, fascinada pelo exemplo do proletariado soviético e seu partido bolchevique.

[...]

## Programa e palavras de ordem: sua relação com as necessidades e a consciência presentes no movimento de massas

Esta série de substituições que vamos descobrindo em Germain – conhecimento científico no lugar de consciência política; objetivos políticos no lugar de análise marxista objetiva; propaganda por agitação; trabalho sobre a vanguarda no lugar de trabalho sobre as massas etc. – é a base “teórica” que fundamenta as “graves” críticas que faz a Camejo sobre sua concepção do partido bolchevique nesta etapa.

Segundo Germain, enquanto Cannon fala de “revolução proletária”, Camejo a cita uma só vez, relacionando-a estritamente com o programa: “O partido procura *dirigir a classe operária e seus aliados até o poder de Estado como seu objetivo fundamental*, porém não trata de substituir ele mesmo as massas.”<sup>14</sup>

Gostaríamos de perguntar ao camarada Germain se está de acordo ou não com a definição de “revolução proletária” que faz nosso Programa de Transição: a tomada do poder pela classe operária e seus aliados. O fato de que a “tomada do poder” seja para Camejo o “objetivo fundamental” do partido não lhe satisfaz, camarada Germain?

A primeira objeção séria que faz Germain é que Camejo apresenta

[...] a relação entre a vanguarda – o partido – e a classe trabalhadora... de uma forma unilateral e mecânica. O partido “trata de promover a luta de massas... por meio da mobilização das massas” em torno das necessidades “relacionadas com seu presente nível de consciência”.<sup>15</sup>

Para demonstrar que isso é um erro, trata de apoiar-se em Trotsky trazendo esta citação:

Que pode fazer um partido revolucionário nessa situação? Em primeiro lugar, dar uma visão honesta e nítida da situação objetiva, das “tarefas históricas” que emanam dessa situação, independentemente de os trabalhadores estarem ou não maduros para isso. Nossas tarefas não dependem da mentalidade do operário... Nós devemos dizer a verdade aos trabalhadores e então ganharemos os melhores elementos.<sup>16</sup>

Como sempre, Germain tirou uma citação de seu contexto. Essas frases foram a resposta de Trotsky a alguns companheiros estadunidenses para quem o Programa de Transição não era adequado à mentalidade dos operários de seu país. E foi corretíssima, porque falava das “tarefas históricas” do programa geral histórico para toda a época, isto é, do Programa de Transição. Absolutamente não se referiu às tarefas concretas que enfrentavam os camaradas estadunidenses naquele momento. O que Trotsky disse é que nós não escondemos nosso programa, pelo contrário, fazemos sua propaganda com todas as nossas forças, ainda que o operário médio não o entenda, para ganharmos os elementos de vanguarda [...]. Isso não tem nada a ver com a suposição de Germain de que essa é uma norma geral da atividade política do conjunto do partido em qualquer momento concreto.

Germain repete, corrigida e aumentada, a confusão que antes já havia feito entre propaganda e agitação. Camejo nunca disse que se deve levar em conta o grau de consciência das massas para formular o programa geral, histórico, do partido. Essa seria uma posição total e absolutamente reformista e economicista. O que ele disse é que temos de partir do “presente nível de consciência das massas” para formular as “necessidades” que sirvam para “mobilizar as massas”. Camejo se refere à nossa política concreta, às palavras de ordem que agitamos

---

<sup>14</sup> GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, p. 91

<sup>15</sup> Idem, p. 93.

<sup>16</sup> Idem, p. 94.

para a ação [...]; não à propaganda nem ao programa. A citação de Trotsky é correta justamente porque não se refere às palavras de ordem, mas ao programa.

Um programa trotskista que não fale de piquetes armados, sovietes, insurreição, governo operário e camponês, ditadura do proletariado, não merece o nome de programa. Porém a direção de um partido que levante essas palavras de ordem ou algumas delas de forma permanente, para todas as etapas e momentos da luta de classes, merece ser internada em um asilo.

Trotsky, no Programa de Transição, diz exatamente o mesmo que Camejo, com a diferença que, no lugar de “presente”, diz “atual”:

E preciso ajudar as massas, no processo de luta cotidiana, a encontrar a ponte entre suas atuais reivindicações e o programa da revolução socialista. Essa ponte deve consistir num sistema de reivindicações transitórias que, partindo das condições atuais e da atual consciência das amplas camadas operárias, conduzam a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado.<sup>17</sup>

Para a Espanha, propunha o mesmo:

A participação dos comunistas nessas lutas exige, sobretudo de sua direção, não só uma compreensão nítida do desenvolvimento da revolução em seu conjunto, mas também a capacidade de lançar determinadas palavras de ordem ardentes e combativas, que não se desprendam do “programa”, mas sejam ditadas pelas circunstâncias de cada dia e impulsionem as massas.<sup>18</sup>

O objetivo dessas palavras de ordem é “empurrar as massas para adiante”. No mesmo texto de Trotsky citado por Germain, aquele propõe: “Toda a questão é como mobilizar as massas para a luta”. Exatamente o mesmo que defende o camarada Camejo: que essas palavras de ordem, “relacionadas com o presente nível de consciência (das massas)”, sejam utilizadas pelo partido para “mobilizar as massas”.

A participação dos comunistas nessas lutas exige, sobretudo de sua direção, não só uma compreensão nítida do desenvolvimento da revolução em seu conjunto, mas também a capacidade de lançar determinadas palavras de ordem ardentes e combativas, que não se desprendam do “programa”, mas sejam ditadas pelas circunstâncias de cada dia e impulsionem as massas.

O que o ataque de Germain a essa definição de Camejo esconde? Uma típica posição ultraesquerdista: não formular uma política para as necessidades e a consciência presentes das massas, mas sim para as supostas necessidades e consciência futuras. O que é esse “presente nível de consciência das massas”? Ele é sempre o mesmo? Pode mudar rapidamente? Se é assim, o partido de combate deve esperar até que se tenha modificado para então “adaptar” suas reivindicações? Ou pode prever “essas mudanças e atuar de acordo com elas”? Em função de que fatores é possível prever essas mudanças? Não pode ser esse “presente nível de consciência”, até um certo grau, uma função das atividades do “partido de combate” dentro do movimento de massas? Porém, se um dos principais objetivos do “partido de combate” é elevar o nível de consciência da classe operária, como pode o “presente nível de consciência”, em si mesmo, ser um critério decisivo para determinar o que o partido deve propor diante das massas?<sup>19</sup>

Essas perguntas implicam suas respectivas respostas, a saber: Germain opina que o nível de consciência não é sempre o mesmo; que pode mudar rapidamente; que o partido de

---

<sup>17</sup> TROTSKY, Leon. *Programa de Transição*, p. 10.

<sup>18</sup> TROTSKY, Leon. “Pela ruptura da coalizão com a burguesia” (Carta ao SI, junho de 1931). Em: *A revolução espanhola*, vol. 1, p. 173.

<sup>19</sup> GERMAIN, Ernest. *Em defesa do leninismo, em defesa da IV Internacional*, p. 93.

combate não deve esperar até que tenha mudado para adaptar suas palavras de ordem; que o partido pode prever essas mudanças e atuar de acordo com elas, isto é, deve lançar as palavras de ordem adequadas ao nível de consciência futuro; que o presente nível de consciência das massas é, até certo grau, uma função do papel do partido; que um dos objetivos principais do partido revolucionário é levantar o nível de consciência da classe operária e que [...] o presente nível de consciência não pode ser o critério decisivo para determinar que gênero de palavras de ordem o partido deve propor diante das massas.

Aqui está sintetizada uma das diferenças mais importantes entre a maioria e a minoria. Responderemos a cada uma dessas afirmações de Germain; porém tomaremos a liberdade de mudar a ordem de apresentação.

**Primeira afirmação:** “O nível de consciência das massas não é sempre o mesmo.” Tem toda a razão. Mais ainda, dentro das massas há um desenvolvimento desigual da consciência, o que faz com que, num mesmo momento, haja setores com diferentes níveis de consciência.

**Segunda afirmação:** o nível de consciência das massas pode mudar rapidamente. Novamente Germain tem razão, porém não assinala que isso ocorre somente em alguns períodos, os de grande atividade do movimento de massas. Nos de calma, o movimento de massas muda sua consciência de forma muito lenta.

**Terceira afirmação:** o nível de consciência imediato (“presente”) das massas é, em certo grau, função do papel do partido revolucionário. Falso. O nível presente de consciência é um fator objetivo para o partido revolucionário, e muito mais para nossos pequenos grupos. É o fator mais dinâmico da situação objetiva, mas nem por isso deixa de ser objetivo. Isso significa que é um dado, um fato da realidade que podemos ajudar a modificar no futuro, porém no presente é como é, o oposto de nosso partido, que é um fator subjetivo.

Como todo fato presente, é uma consequência do passado, da história. Se nosso partido teve alguma coisa a ver com essa história, então [...] “em certo grau”, a consciência presente é “função do partido”. Porém, se não fomos nem somos um fator objetivo [...] as massas não nos seguem nem educamos até agora setores do movimento de massas, não temos nada a ver com seu presente nível de consciência.

Lamentavelmente, essa é a situação atual. Os operários argentinos são peronistas e sindicalistas; os franceses, stalinistas e socialistas [...]; os ingleses, laboristas; e os alemães[...] social-democratas. Esse nível presente não é em “nenhum grau” obra nossa.

Dissemos que o presente nível de consciência é uma consequência histórica. Devemos completar esse conceito. É uma consequência direta de dois fatores combinados: as mudanças objetivas do regime e o desenvolvimento das lutas de massas. O papel do partido pode ser importante e, às vezes decisivo, porém indireto, como agitador, organizador e dirigente dessas lutas.

Trotsky dizia o mesmo: “Para nós, sendo uma pequena minoria, tudo é objetivo, inclusive o estado de ânimo dos operários.”<sup>20</sup>

A consciência de classe do proletariado é atrasada, porém a consciência não é do mesmo material que as fábricas, as minas, as estradas de ferro; é mais variável; e, sob os golpes da crise objetiva, do exemplo dos milhões de grevistas, pode mudar rapidamente.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> *Discussões com Trotsky sobre o Programa de Transição*, p. 78.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 52.

[...] As massas trabalhadoras saem à luta porque o sistema capitalista as afunda na miséria, porque não lhes deixa outra saída além de lutar para sobreviver. O operário não “ama” a greve; arrisca-se a perder seu salário ou seu trabalho porque, se não luta, morre de fome; não “ama” a violência, se vê obrigado a utilizá-la para defender-se da violência dos capitalistas; não “ama” as armas; vê-se obrigado a usá-las quando o capitalista as utiliza contra ele.

Esse é o primeiro fator que determina o presente nível de consciência: qual é o problema, ou os problemas mais graves e sentidos, que podem fazer as massas se mobilizarem para arrancar do sistema capitalista uma solução.

O segundo fator é o desenvolvimento da própria mobilização das massas. Não basta que exista um problema objetivo para que automaticamente as massas saiam à luta. Os trabalhadores podem receber salários baixíssimos, mas sua atitude depende da situação das lutas contra a burguesia naquele momento. Se a redução dos salários acontece imediatamente depois de uma derrota imposta pelo fascismo ao movimento de massas, provavelmente não se produzirá mobilização. Os trabalhadores estarão conscientes de que a sua situação é desfavorável; os seus dirigentes estarão mortos ou encarcerados, as suas organizações destruídas, todo o peso da repressão estará sobre suas costas e não se mobilizarão até reorganizarem suas forças. Se, ao contrário, tal situação se produz no outro polo do desenvolvimento da luta, com as massas em plena ofensiva, numa situação revolucionária, estas são capazes de chegar às portas da tomada do poder, impulsionadas pela necessidade de solucionar esse problema objetivo. Isso explica por que a palavra de ordem “pão” foi uma das que levaram ao poder o proletariado russo.

Assim se combinam esses dois fatores objetivos: a infâmia do sistema capitalista em determinado momento criará a necessidade de lutar e fixará o objetivo imediato da luta das massas; o grau de desenvolvimento do movimento determinará se essa mobilização acontecerá ou não, a envergadura que poderá ter, os métodos que utilizará e seus resultados concretos, que poderão ser desde a reorganização de um sindicato até a quase tomada do poder.

A consciência imediata, presente, das massas, está determinada por esses fatores: é a consciência da necessidade que sofrem e das condições em que se encontram para enfrentar os exploradores.

O partido não tem nada a ver com essa consciência imediata das massas. Porém Germain, ao afirmar que o papel de partido é “em certo grau” (não define qual é esse grau) um fator determinante da consciência imediata das massas, cai num típico erro ultraesquerdista: confundir seu próprio nível de consciência ou o do partido com o das massas. [...]

**Quarta afirmação:** o partido pode prever as mudanças no nível de consciência das massas. Isso é certo somente num sentido geral e histórico. Nós sabemos que o sistema capitalista em decadência, o sistema imperialista, jogará cada vez mais miséria e exploração sobre as costas dos trabalhadores; portanto, criará para eles cada vez mais necessidades, que os farão ser cada vez mais conscientes de que seus problemas só poderão ser solucionados com a luta. As lutas das massas irão se desenvolvendo de forma cada vez mais profunda e violenta. A relação de forças com a burguesia será cada vez mais favorável; estarão cada vez mais conscientes de suas próprias forças e cada dia mais dispostas a se lançarem a novas mobilizações. Esse processo levará as massas à beira da consciência política de classe, revolucionária, de que podem e devem tomar o poder. Porém ali se deterão e logo retrocederão se não existir um partido revolucionário que as faça totalmente conscientes dessa situação, as organize e guie para seguir adiante.



Todavia, isso se dá em termos gerais e para toda a etapa histórica. Num sentido concreto, imediato, o partido tem possibilidades muito limitadas de prever as mudanças na consciência das massas. Não tanto pelo fator econômico (as necessidades que o sistema capitalista cria para os trabalhadores), pois este não muda de forma muito veloz, mas pelo desenvolvimento das próprias lutas. [...]

O máximo que pode almejar o partido é manejar algumas hipóteses, assinalando a mais provável, e preparar-se teoricamente para enfrentar essa nova situação. Isso lhe será relativamente fácil nos períodos de calma na luta de classes e muito nos períodos críticos, quando as lutas e as consequentes mudanças na consciência imediata das massas se sucedem dia após dia. Tão difícil é a tarefa nessa última situação que as hipóteses do próprio partido bolchevique com relação à realidade iam sendo superadas à medida que se aproximava outubro de 1917.

Mas esse é um trabalho interno do partido, de preparação teórica, para enfrentar novas situações. Não tem nada a ver, como analisaremos adiante, com a política para as massas, porque assim que a realidade demonstre que nossa hipótese mais provável não se confirmou, seremos obrigados a improvisar uma nova política de acordo com a nova situação. Já faz muito tempo que nós, marxistas, dizemos que a realidade é mais rica que qualquer esquema.

Esclarecemos que continuamos a falar da consciência imediata das massas. O partido é capaz de fazer previsões gerais, baseando-se nas leis gerais da luta de classes descobertas pelo marxismo e para períodos determinados de tempo. Por exemplo: ascenso do movimento de massas = tendência a governos kerenskistas; crise econômica = divisão da burguesia etc. O camarada Germain, que se acredita capaz de prever mudanças na consciência imediata das massas, demonstrou-se totalmente incapaz de realizar esse outro tipo de previsão mais simples.

**Quinta, sexta e sétima afirmações:** Um dos objetivos principais do partido é elevar o nível de consciência da classe operária; portanto, não deve esperar que as mudanças na consciência imediata das massas se produzam para depois adaptar suas palavras de ordem a elas. Como é capaz de prever essas mudanças, deve atuar de acordo com elas, não tomando como critério decisivo para lançar suas palavras de ordem o presente nível de consciência das massas. Essas afirmações se destroem por si mesmas, porque o partido, como já o demonstramos, é incapaz de prever as mudanças na consciência imediata (presente) das massas. Porém vamos dar essa possibilidade a Germain. Suponhamos que fosse possível prevê-las. [...] O partido tem o objetivo de elevar a consciência das massas para a consciência política de classe (correta). Portanto, suas palavras de ordem não devem partir do presente nível de consciência, mas do que o partido prevê que virá no futuro (falso, mil vezes falso).

Se Germain fala de futuros níveis de consciência e propõe que nossas palavras de ordem se subordinem a eles, perguntamos por que propõe que nossa única palavra de ordem seja a tomada do poder, a revolução proletária em nível mundial. Não vemos a diferença entre propor uma palavra de ordem para um futuro nível de consciência que virá dentro de um mês ou um ano e propor uma palavra de ordem para dentro de 10 ou 20 anos. Para que andar com mesquinhas? Levantemos somente a tomada do poder em nível mundial. É uma palavra de ordem para um nível de consciência futura tão boa como qualquer outra. E se as massas estão dispostas a escutar e mobilizar-se com uma palavra de ordem para um futuro imediato, não vemos por que não estarão dispostas a fazê-lo com uma palavra de ordem para um futuro distante. [...]

Na realidade, o problema (palavras de ordem para o presente ou palavras de ordem para o futuro) é qualitativo. Estamos a favor de usar todas as palavras de ordem que partam do nível de consciência e das necessidades de cada momento (presentes) do movimento de massas; e contra usar qualquer palavra de ordem que parta de um suposto (ou previsto) nível de

consciência e necessidade futura do movimento de massas. Poderão argumentar que, quando propusemos pela primeira vez, nos Estados Unidos, “Fora as tropas do Vietnã, já!”, o movimento de massas não tinha consciência imediata da necessidade dessa palavra de ordem, não a sentia como sua.

Isso ocorre porque, entre a necessidade imediata e a consciência imediata das massas, dá-se a mesma contradição e dialética que existe entre o objetivo e o subjetivo: o fato de que exista uma necessidade objetiva não determina mecanicamente que as massas tenham consciência dessa necessidade. [...] a consciência imediata está sempre atrasada em relação à necessidade imediata. Justamente por isso, nossas palavras de ordem agitativas devem estender uma ponte entre esses dois fatores, desigualmente desenvolvidos. [...] O verdadeiramente determinante, como sempre, é o fator objetivo. Se as massas adotam nossa palavra de ordem e se mobilizam por ela, efetivamente teremos sido, em certo grau, fator determinante de sua consciência. Se não é assim, não o seremos.

[...]

A partir da escalada ianque no Vietnã, apresentou-se como necessidade imediata a retirada das tropas, independentemente se isto era ou não adequado ao nível de consciência daquele momento. A ponte que tínhamos de construir só poderia rebaixar essa necessidade para se adequar à consciência imediata apenas na forma ou na linguagem; nunca até o grau de ignorar a necessidade que originava a nossa palavra de ordem. Toda tentativa de basear nossas palavras de ordem somente no nível de consciência de cada momento, que não tome como elemento decisivo a necessidade imediata do movimento de massas e a importância da mobilização para superá-la, é aventureirismo, já que nossa política é total, abarca a análise, um programa (necessidade e consciência históricas), a propaganda, a agitação (necessidade e consciência imediata) e tem como objetivo a mobilização permanente das massas até a tomada do poder pela classe operária. Isto é, tudo está intimamente relacionado, e os fatores dependem uns dos outros, sendo as palavras de ordem para a mobilização das massas o fator decisivo.

Trotsky, criticando o costume de propor tarefas com base em previsões, dizia-nos há mais de trinta anos:

Nossa tarefa não consiste em fazer previsões olhando o calendário, mas em mobilizar os operários ao redor das palavras de ordem que surgem da situação política. Nossa estratégia é de ação revolucionária, não de especulação abstrata.<sup>22</sup>

Toda tentativa de lançar para uma etapa imediata da luta de classes reivindicações e palavras de ordem mais adequadas a um nível de consciência que não é o dessa etapa é um erro ultraesquerdista. Mais ainda quando, além das palavras de ordem e reivindicações, elabora-se toda uma estratégia, como ocorreu com o entrismo *sui generis*. [...]

O mesmo ocorre com nossas palavras de ordem. Não podemos elaborá-las para uma etapa futura da luta de classes nem para a consciência e as necessidades que terão as massas num futuro incerto. Não podemos, em primeiro lugar, porque não o conhecemos. Porém, ainda que fôssemos capazes de adivinhar o futuro (“prever”, diria Germain), não poderíamos utilizar essas palavras de ordem por outro motivo muito mais importante: porque as palavras de ordem têm um só objetivo, que é mobilizar os trabalhadores. Se refletem as necessidades e o nível de consciência futuros, serão incompreensíveis para as massas. [...]

---

<sup>22</sup> TROTSKY, Leon. “Por uma estratégia para a ação, não para a especulação” (Carta aos amigos de Pequim, 3 de outubro de 1932). Em: *Escritos*, Tomo III, vol. 2, pág. 322

Que o partido tenha como objetivo elevar a consciência das massas em direção à consciência política de classe não quer dizer que seja capaz de fazê-lo por si mesmo. O camarada Germain é o primeiro em insistir que as massas só aprendem com suas ações. Nosso objetivo é, pois, mobilizar as massas para que, por meio dessa mobilização, adquiram consciência política de classe. Até aqui todos de acordo. No que não estamos de acordo é como proceder para mobilizá-las. Germain diz que mobilizamos as massas agitando palavras de ordem para o nível de consciência que estas terão mais adiante. Nós dissemos que mobilizamos as massas levantando palavras de ordem para as necessidades e o nível de consciência que têm no presente.

### **Germain e nós numa greve geral**

Suponhamos que haja conflitos por salários, de forma isolada, em 30% ou 40% das empresas industriais. Qual é a necessidade das massas nesse momento? A de unificar todos esses conflitos numa greve geral. Qual deve ser nossa palavra de ordem? Greve geral por aumento geral de salários! Qual seria a palavra de ordem que proporia Germain? Ele raciocinaria da seguinte maneira: como a greve geral colocará o problema do poder, nossa palavra de ordem deve ser: greve geral para a tomada do poder! O que seria um erro catastrófico. As massas têm a necessidade de fazer uma greve geral para conseguir mais salários, são conscientes disso ou devem ser, mas não são conscientes de que necessitam tomar o poder. Nossa palavra de ordem de greve geral por mais salários cairia em terreno fértil e seria incorporada por todo o movimento de massas; a greve geral seria um fato. A palavra de ordem de Germain cairia no vazio; só seria seguida por algum pequeno setor da vanguarda; liquidaria a possibilidade de uma greve geral massiva.

Sem dúvida, somos conscientes como Germain de que a greve geral coloca o problema do poder. Porém coloca-o quando a greve é um fato. Para poder propor a tomada do poder, primeiro temos de conseguir que a greve geral saia. Se conseguimos que as massas entrem em greve geral, que paralisem o país, que desesperem a burguesia, que essa veja todo o seu sistema em perigo, que comece a organizar a repressão, só então as massas estarão em condições de ver de forma nítida que a única saída da greve geral é a tomada do poder. Essa será a necessidade mais imediata das massas, será a sua única saída. Nesse momento, se o partido continua mantendo a palavra de ordem de greve geral por mais salários, comete um crime e uma traição. Chegou o momento de mudar a palavra de ordem! A mobilização das massas chegou ao ponto em que estas podem compreender a necessidade de tomar o poder. A palavra de ordem para essa etapa deve corresponder à necessidade. Todo poder aos soviets! [...] a palavra de ordem do momento.

Se não conseguimos que as massas façam a greve geral porque propomos a elas uma greve com objetivo distinto do que elas sentem e querem (o poder no lugar de salários), podemos passar séculos gritando greve geral pela tomada do poder, mas não conseguiremos nada. Pode ocorrer que a greve geral aconteça apesar de nós; porém, o certo é que as massas não tomarão o poder.

Aqui, Germain poderia nos responder com o seguinte raciocínio: se nós, antes da greve geral, já estivéssemos dizendo que a única saída para as massas é a tomada do poder, no momento em que as massas enfrentassem essa situação saberiam reconhecê-lo e nos considerariam uma boa direção que soube prever os acontecimentos. Esse é um raciocínio intelectual falso. Assim se move a vanguarda; porém, não as massas. À vanguarda, efetivamente, temos que explicar com paciência, nas vésperas de uma greve geral, que esta colocará o problema do poder e que é preciso preparar-se para tomá-lo. Toda a nossa propaganda sobre a

vanguarda deve ter esse único eixo. E a vanguarda saberá reconhecer que nossa previsão foi correta e entrará massivamente no partido.

Se as massas se comportassem dessa maneira, fazer a revolução seria muito simples: nós passaríamos cinco, dez ou vinte anos agitando a palavra de ordem da tomada do poder. Quando acontecesse a crise revolucionária (a greve geral por exemplo) – que ocorrerá ainda que não existamos, porque é um momento inevitável da luta de classes –, as massas se recordariam de nossa agitação de tantos anos, reconheceriam a nós como sua direção e tomariam o poder. Mas as massas não se movem dessa maneira: elas reconhecem como direção quem soube mobilizá-las dando a palavra de ordem correta para cada uma das lutas que empreenderam. [...]

São, então, dois os motivos pelos quais o partido deve agitar diante das massas a palavra de ordem que responda ao seu nível de consciência e às suas necessidades presentes. O primeiro motivo é que é a única maneira de mobilizar as massas, e a mobilização das massas é a única maneira destas elevarem o seu nível de consciência. [...] O segundo motivo para agitar essas palavras de ordem é que é a única maneira de ser reconhecido como direção e ganhar prestígio, influência e confiança entre as massas. [...]

[...]

Todo o segredo da política trotskista consiste, precisamente, em medir milímetro por milímetro as necessidades e o nível de consciência das massas em cada momento e descobrir as palavras de ordem adequadas a eles. A política trotskista é concreta, presente, nas suas palavras de ordem; histórica no seu programa. Isso não é mais do que a expressão da velha contradição entre o imediato e o mediato, entre o concreto e o abstrato, que, nesse nível, se manifesta na contradição entre as palavras de ordem e o programa, entre a agitação e a propaganda.

Isso explica por que o Partido Bolchevique foi mudando de palavras de ordem em poucos meses: Todo o poder aos soviets! Fora os ministros burgueses! Todos contra a Assembleia Constituinte!, de novo Todo o poder aos soviets!

Toda a arte e a ciência de nossos partidos e direções passam por saber detectar as mudanças nas necessidades e no nível de consciência do movimento de massas. Porém, para detectar essas mudanças na consciência das massas, vemo-nos obrigados a utilizar duas ferramentas. A primeira são as palavras de ordem agitativas: “Para o partido, a agitação é também um meio de escutar as massas, de sondar seu estado de ânimo e seus pensamentos e, segundo os resultados, tomar tal ou qual decisão prática.”<sup>23</sup>

A segunda ferramenta é a que nos permite avaliar “o resultado” de nossa agitação e “tomar assim uma ou outra decisão”. Essa ferramenta é o nosso método de análise e nosso programa histórico, que resumem, por sua vez, a luta histórica e de classe do movimento operário e a história de toda a luta de classes.

Essa dialética entre o mediato e o imediato, o histórico e o presente, o abstrato e o concreto, sintetiza-se, unifica-se, quando o partido revolucionário consegue chegar a dirigir o movimento operário para a conquista do poder. Porém, para conseguir essa superação da contradição, deve-se passar por distintas etapas da luta de classes; etapas que sempre são concretas, imediatas e presentes, até que se transformam em históricas, isto é, até que a luta imediata do movimento de massas seja a tomada do poder, a grande tarefa histórica.

O imediato, as lutas concretas do movimento operário, transformam-se numa tarefa histórica graças ao partido. Essa síntese se manifesta quando se produz a unidade entre nosso

---

<sup>23</sup> TROTSKY, Leon. “Uma vez mais, para onde vai a França?” Em: *Aonde vai a França?*, p. 82.

partido e seu programa – ambos expressões dos interesses históricos do proletariado – com a classe operária, e desta com as grandes massas. Ali se sintetizam as contradições entre partido e movimento de massas, entre programa e palavras de ordem, entre propaganda e agitação, entre tarefas do partido e tarefas do movimento de massas. Na insurreição, as massas, a classe operária e o partido têm uma só e única tarefa, uma só e única palavra de ordem, um só e único programa, e realizam uma só e única ação, imediata e histórica ao mesmo tempo: tomar o poder.

[...]

### **As características essenciais dos partidos leninistas-trotskistas**

Em meio a toda essa discussão sobre as características e o papel de nossos partidos, somos obrigados a referendar as seis características expostas por Camejo – que não repetiremos – e somar a elas outras quatro, tão essenciais quanto as primeiras para os partidos leninistas-trotskistas:

**Primeira:** Antes de traçar uma linha política para uma etapa – com estratégia, táticas, propaganda e agitação, programa e palavras de ordem – o partido faz uma análise marxista, científica, das relações entre todas as classes e sua provável dinâmica. Essa análise deve sintetizar-se em definições precisas sobre o caráter da etapa. O partido repudia a análise obreirista que leva em conta fundamentalmente as relações internas ao movimento de massas para definir a etapa. Também rechaça a análise economicista, que pretende extrair dos processos internos à economia burguesa as características da etapa. Finalmente, o partido repudia a ausência de análise que advém da inversão do processo, quando se fixa primeiro à estratégia ou quando as definições se baseiam no que quer ou pensa a vanguarda, para depois se inventar uma pseudoanálise que justifica a estratégia previamente traçada. [...]

**Segunda:** A política do partido dirige-se a todo o movimento de massas, com todos os seus setores, ainda que reflita os interesses da classe operária e procure a esta como caudilho da revolução. A atividade partidária concentra-se no movimento de massas e não na vanguarda. O objetivo é mobilizar as massas e não a vanguarda (Camejo assinala essa característica, mas não enfatiza o suficiente que o partido se propõe a levar a classe operária ao papel de caudilho da revolução).

A política partidária tem uma teoria-programa, o da revolução permanente, que se resume numa frase: o objetivo do partido é mobilizar a classe operária e as massas de forma permanente até a sociedade socialista. E tem também um programa e um método, o programa de transição, que igualmente pode ser resumido numa frase: o partido deve levantar aquelas bandeiras que mobilizem as massas contra os exploradores, partindo das necessidades e da consciência imediatas das massas e aumentar tais reivindicações à medida que a própria mobilização eleve a consciência das massas e as faça criar novas necessidades, até culminar na palavra de ordem e na luta pela tomada do poder.

**Terceira:** Dentro do movimento operário e de massas, o objetivo do partido é transformar os elementos de vanguarda em militantes profissionais como única maneira de transformá-los em revolucionários trotskistas completos, uma vez que o trabalho alienante os impede de chegar a esse patamar. O objetivo na vanguarda tem a ver com outro objetivo muito mais geral: o partido deve ter como coluna vertebral os militantes profissionais, porque fazer a revolução deve ser e é uma atividade total, não um hobby, uma atividade de lazer ou intelectual.

Não há partido com diletantes, amadores, membros das profissões liberais, mas com militantes profissionais surgidos, em sua maioria, do movimento de massas, principalmente do movimento operário.

**Quarta:** A construção de cada partido é parte da construção do partido mundial da revolução socialista. Tanto o partido nacional quanto o partido mundial constroem-se sob a vigência do centralismo democrático. É obrigatória a mais rígida disciplina partidária. Em primeiro lugar, porque sua aspiração de dirigir as massas na luta contra os exploradores exige que atue como um só homem, sem a menor vacilação. Em segundo lugar, porque tem de levar adiante uma batalha feroz contra os aparelhos burocráticos. Essa centralização, no entanto, deve existir junto a um funcionamento democrático, porque a elaboração democrática da linha política é a única garantia de que esta expresse as necessidades e o nível de consciência do movimento de massas e porque a discussão democrática dos resultados de aplicação da política é a única garantia de que esta seja ratificada, total ou parcialmente, com a mesma objetividade. [...]

As dez características do partido leninista-trotskista podem ser resumidas numa só: a relação entre a mobilização das massas e da classe operária com o partido revolucionário. Os dois polos essenciais do movimento são o movimento operário e de massas e o partido. São os dois polos que dividiram a esquerda europeia do início do século. Rosa Luxemburgo\* e Trotsky consideraram que a mobilização das massas era onipotente. Lenin não chegou a acreditar que o partido fosse, mas alguns de seus discípulos assim pensaram. O mérito de Lenin foi compreender que um único polo – a mobilização da classe e das massas – era total e absolutamente insuficiente se não existisse ao mesmo tempo o outro polo – o partido.

Quando o refluxo do movimento operário dos países mais industrializados e o boom econômico do pós-guerra dificultaram ao máximo o trabalho revolucionário sobre o movimento de massas, surgiram tendências seguidistas das organizações burocráticas do movimento, que defendiam a necessidade de abandonar por um longo tempo a tarefa de construir o partido revolucionário. Naquele momento, lutamos de forma dura contra aquelas tendências, reivindicando a necessidade de continuar na tarefa central de construir o partido.

Atualmente, quando o ascenso revolucionário mais grandioso que a história já conheceu dá seus primeiros passos, surgem concepções pequeno-burguesas, subjetivas, que tendem a atribuir o papel fundamental à vanguarda, à organização armada ou ao heroísmo dos dispostos à luta. Contra essas concepções subjetivas da revolução, é preciso reafirmar que o fator decisivo é a mobilização das massas, e que o móvel dessas mobilizações são as profundas necessidades objetivas, que existem independentemente de nossa vontade. Reafirmamos também que existe uma relação dialética, dinâmica, entre o movimento de massas e o partido revolucionário que dirigir essas mobilizações. Essas são as razões pelas quais mantemos a única estratégia que permanece mesmo quando mudam as condições da luta de classes: mobilizar as massas e construir o partido bolchevique leninista-trotskista.

## Capítulo 7 – Elementos revisionistas nas concepções de Germain

[...]

### Uma interpretação fenomenológica do programa de transição

Em *Fenomenologia do espírito*, seu primeiro livro importante, o velho Hegel<sup>24</sup> construía o mundo através do desenvolvimento da consciência. Não era o desenvolvimento do mundo que originava as diversas etapas da consciência, mas o contrário: estas originavam o mundo. O companheiro Germain faz uma interpretação parecida do nosso *Programa de Transição*. Para ele, nossas palavras de ordem não surgem das mais profundas necessidades das massas, não se classificam de acordo com o tipo de necessidades do movimento de massas que devem solucionar nem são utilizadas de acordo com a mobilização objetiva que provocam. Segundo ele, as palavras de ordem são definidas e utilizadas conforme elevem ou não o nível de consciência das massas.

Em outras palavras: a função do programa de transição não está limitada a fazer exigências “relacionadas com o atual nível de consciência” das massas, mas tende a *mudar esse nível de consciência em função das necessidades objetivas da luta de classes*. Essa é a diferença chave entre as exigências de transição, por um lado, e as exigências democráticas e imediatas, por outro, aquelas que naturalmente não devem ser descuidadas ou esquecidas por um partido revolucionário.<sup>25</sup>

Continuando no tema, Germain diz: “O que é transicional em relação às exigências de transição é precisamente *o movimento de um nível de consciência para outro mais elevado*, e não uma simples adaptação ao nível determinado.”<sup>26</sup>

Resumindo, segundo o companheiro Germain, o que caracteriza as bandeiras de transição é que elevam o nível de consciência das massas. Essa característica é a que as diferencia das bandeiras democráticas e mínimas. Ele diz “imediatas”.

Como Germain chega a essa interpretação? Lembremos que, como vimos antes, segundo Germain o imperialismo não traz cada vez mais miséria, piores salários e mais desemprego às massas trabalhadoras, e inclusive tende a “liberalizar-se”. Portanto, não fornece às massas causas objetivas – ou, simplesmente, necessidades materiais ou de tipo democrático – pelas quais mobilizar-se. Para um marxista, essa situação (se fosse verdadeira) significaria o fim das possibilidades de mobilização revolucionária das massas. Não obstante, como Germain quer continuar sendo um revolucionário, mesmo às custas de deixar de ser marxista, tem de buscar outros motivos para fazer a revolução. E assim descobre as causas subjetivas, ou seja, algo assim como os conflitos psicológicos produzidos no trabalhador pela ineficiência da direção capitalista das empresas e pelo caráter alienante do consumo. Evidentemente, essas questões são problemas “de consciência”.

Essa concepção de Germain leva-o a fazer uma interpretação peculiar do *Programa de Transição*. Porque o que Germain necessita é, justamente, um programa que gire em torno

---

<sup>24</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) foi um dos mais importantes filósofos cujo desenvolvimento do conjunto de sua obra influenciou profundamente gerações de estudiosos da teoria crítica e da dialética. A teoria hegeliana teve importante papel na formação do jovem Marx para que, a partir dela, o teórico do materialismo histórico avançasse na construção do conhecimento capaz de captar a essência da realidade com vistas à sua superação transformadora. Para mais informações, ver *Dicionário do Pensamento Marxista*. Edição de Tom Bottomore. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. [NdoE]

<sup>25</sup> MANDEL, Ernest. *En defensa del leninismo, en defensa de la IV Internacional*, op. cit., p. 94.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

das diferentes “consciências”. Mas, infelizmente, depara-se com o fato de o programa trotskista estar relacionado com as necessidades das massas, partir dessas necessidades e do nível atual do movimento de massas para obter sua mobilização revolucionária.

Como Germain também quer continuar sendo trotskista, não tem outro remédio senão partir para o mais absoluto revisionismo de nosso programa. E faz sua interpretação fenomenológica: dá origem, classifica e propõe que se utilizem as bandeiras de acordo com o “nível de consciência”, e não com as necessidades objetivas do movimento de massas ou a mobilização objetiva que provocam.

Essa interpretação germainista das bandeiras e do programa atira-nos num pântano de contradições insolúveis. O que não é casual, já que o revisionismo se caracteriza por deformar uma teoria, sem se animar a romper com ela, e, ao ficar na metade do caminho, debate-se em uma multiplicidade de contradições e incoerências. Vejamos alguns exemplos: Germain diz-nos que as palavras de ordem de transição são as que elevam o nível de consciência, mas uma das bandeiras fundamentais que levou os bolcheviques ao poder foi a democrática, de nacionalização e distribuição das terras. Se essa bandeira era democrática, não “mudou o nível de consciência?” Se mudou, então não era democrática?

Continuemos. Trotsky propunha a necessidade de lutar pela formação de um partido trabalhista na América do Norte. Evidentemente, se conseguisse fazer com que os operários norte-americanos rompessem com um partido burguês como o democrata, isso significaria uma mudança em “nível de consciência”. Para Germain, “partido trabalhista” seria uma bandeira de transição, mas Trotsky encarregou-se de elucidar que era uma bandeira democrática, e não transicional.

### **Uma primeira classificação das palavras de ordem**

Para sair dessa confusão, temos de esclarecer que critério seguimos para definir as palavras de ordem que se combinam com nosso programa de transição.

Ao contrário de Germain, que define as palavras de ordem em base ao “nível de consciência”, o trotskismo as define pelo papel que cumpriram ou cumprem no desenvolvimento do movimento de massas. A mobilização das massas sempre teve um objetivo concreto: solucionar alguma necessidade provocada pela sociedade. Essa mobilização permanente das massas, enfrentando-se a cada época com novas necessidades surgidas da sociedade de classes, é a que dá origem a outras palavras de ordem, que vão se alternando à frente da mobilização e combinando-se entre si. Não é complicado. Uma palavra de ordem é uma frase escrita ou dita que expressa a necessidade pela qual as massas se mobilizam em determinado momento. Os trabalhadores passam fome: a palavra de ordem é “aumento de salários!”. Só uma minoria pode votar que a palavra de ordem é “voto universal!”. Kerensky é incapaz de resolver os problemas de paz, pão e terra: a palavra de ordem é “todo poder aos soviets!”

Cada época histórica colocou ao movimento de massas necessidades novas que foram encaradas com novas palavras de ordem: ou melhor, lutando por novas soluções para novos problemas. Por isso, ao contrário da definição fenomenológica por “níveis de consciência”, feita por Germain, o trotskismo classifica as palavras de ordem segundo as necessidades do movimento de massas a que elas devem responder. Nossa classificação das palavras de ordem é, portanto, objetiva e histórica.

As palavras de ordem democráticas são aquelas que o povo conquistou durante a época das revoluções democrático-burguesas: eleições, voto universal, formação e direito ao idioma



nacional, escola para todos, liberdade de imprensa, reunião e associação, formação dos partidos políticos e, fundamentalmente, independência nacional e revolução agrária. A essa época histórica, seguiu o início da época imperialista, quando a classe operária a partir de 1890, passou a organizar os sindicatos e os partidos operários, e conquistou as oito horas, a legalidade de suas organizações, a limitação do trabalho e outras reivindicações parciais. Estas são justamente as reivindicações mínimas ou parciais. Trotsky as define assim quando diz: "...a luta pelas reivindicações imediatas tem como tarefa melhorar a situação dos operários."<sup>27</sup>

Depois veio a época que vivemos atualmente, da revolução socialista, transição do capitalismo ao socialismo. Durante esta etapa transitória, a classe operária no poder tomará um conjunto de medidas para garantir o nível de vida e trabalho da classe operária e dos setores explorados: escala móvel de salários e horas de trabalho, controle operário da produção, nacionalização total da indústria, comércio exterior e bancos, planificação da economia etc. São reivindicações superiores ao capitalismo; já são reivindicações socialistas. Trotsky dizia:

Penso que, no início, a palavra de ordem de escala móvel de salários e horas de trabalho será assumida. Que ela significa? Na verdade, é o sistema de trabalho na sociedade socialista. O número total de operários dividido pelo número total de horas de trabalho. Mas se apresentamos todo o sistema socialista, aparecerá como utópico ao estadunidense médio, como algo que vem da Europa. Apresentamo-lo como solução à crise, para assegurar seu direito a comer, beber e viver decentemente. É o programa do socialismo, mas de forma muito popular e simples.<sup>28</sup>

Resumindo, podemos dizer que nosso programa abarca, tradicionalmente, três tipos de palavras de ordem: as democráticas (arrancadas por e para todo o povo na época do capitalismo), as mínimas ou parciais (arrancadas por e para a classe operária no começo da época imperialista) e as transitórias (que respondem às novas necessidades do movimento de massas nesta etapa de decadência imperialista e transição ao socialismo).

Em 1958, nosso partido formulou, em Leeds, a tese de que existe um quarto bloco de palavras de ordem, que são também parte essencial do programa de transição: as palavras de ordem internas às organizações operárias. Essas palavras de ordem também têm uma origem histórica objetiva: são uma consequência distorcida da decadência imperialista que se manifestou dentro do movimento operário organizado e do primeiro Estado operário como degeneração burocrática, criando para a classe operária a necessidade de lutar contra essa degeneração.

A luta das massas contra a casta burocrática é uma luta interna ao movimento operário e de massas; não tem ligação com a estrutura do regime capitalista e imperialista, mas com a estrutura organizativa do movimento operário. As palavras de ordem para essa luta podem ser englobadas de forma sumária sob o termo genérico de revolução política, já que a expressão mais clara desse grupo de palavras de ordem está representada pelas palavras de ordem da revolução política na URSS. "Fora a burocracia das organizações do movimento de massas e dos soviets!", "Fora a camarilha bonapartista!" e "Viva a democracia soviética!" são algumas das palavras de ordem da revolução política. E não se expressam somente na URSS e nos Estados operários deformados, mas também nos Estados capitalistas, como reflexo particular dessa degeneração nos organismos do movimento operário do mundo capitalista e da necessidade de combatê-la através de palavras de ordem gerais e específicas.

---

<sup>27</sup> TROTSKY, Leon. "Una vez más, ¿Adónde va Francia?", op. cit., p. 65.

<sup>28</sup> "Discusiones con Trotsky sobre el Programa de transición", op. cit., p. 54.

## O problema do imediato e do mediato

Com essa classificação das palavras de ordem em democráticas, mínimas ou parciais, transitórias e da revolução política, desfizemos a confusão criada pelo companheiro Germain com sua classificação fenomenológica segundo “níveis de consciência”. Agora devemos mergulhar em outro emaranhado: o das palavras de ordem imediatas e mediatas.

Germain e outros companheiros colocam um sinal de igual entre palavras de ordem mínimas ou parciais e palavras de ordem imediatas. Mas que quer dizer “imediato”? Imediato quer dizer atual, presente. Seu oposto é o mediato, o que não está colocado na ordem do dia, mas para um futuro. Palavras de ordem imediatas são, então, aquelas que o partido pode levantar agora mesmo, para a mobilização das massas, e aquelas que só podem ser levantadas em uma etapa histórica futura, mais avançada, do movimento de massas.

Igualar as palavras de ordem mínimas às imediatas é uma interpretação errônea de algumas citações de Trotsky, tiradas do contexto. Por exemplo, quando Trotsky disse que “a luta pelas reivindicações imediatas tem como tarefa aliviar a situação dos trabalhadores” estava se referindo, para criticá-lo, ao programa imediato do francês naquele momento. Por isso, não há contradição com o que ele disse adiante: “...a mais imediata de todas as palavras de ordem deve ser reivindicar a *expropriação dos capitalistas e a nacionalização (socialização) dos meios de produção.*”<sup>29</sup>

Trotsky só fala em palavras de ordem imediatas no mesmo sentido que mínimas, quando está se referindo aos programas da burocracia ou do socialismo. Normalmente, utiliza a classificação que expusemos anteriormente:

Na medida em que as velhas reivindicações parciais, “mínimas”, das massas entram em conflito com as tendências destrutivas e degradantes do capitalismo decadente – e isso ocorre sempre –, a IV Internacional propõe um sistema de reivindicações transitórias, cuja essência é dirigir-se cada vez mais aberta e resolutamente contra as próprias bases do regime burguês.<sup>30</sup>

Lendo Trotsky atentamente (e com boa-fé), não restam dúvidas a respeito. No entanto, o companheiro Germain insiste em que “de um lado, estão as palavras de ordem transitórias” e, de outro, “as democráticas e imediatas”. Em se tratando do companheiro Germain, essa não é uma simples confusão ao ler Trotsky; é o resultado de sua interpretação fenomenológica do *Programa de Transição*. Como para ele as palavras de ordem dividem-se entre as que elevam o nível de consciência e as que não elevam, todas as palavras de ordem do passado (democráticas e mínimas ou parciais) não elevam o nível de consciência, porque já se incorporaram à consciência das massas quando lutaram por elas no passado. Segundo Germain, falar a um operário da jornada de oito horas, dos sindicatos ou das liberdades democráticas não eleva seu nível de consciência, porque isso todo mundo já sabe.

Ao contrário, as palavras de ordem transitórias, que falam de um futuro socialista que a classe operária ainda não está vivendo, que não conhece, estas sim elevam o nível de consciência. Assim, para a concepção intelectual e professoral que Germain tem da luta de classes, as palavras de ordem mínimas são imediatas, porque não há necessidade de explicá-las, porque já são conhecidas. E as que ainda não são conhecidas, as do socialismo, que necessitam ser explicadas aos trabalhadores para que eles as assumam e lutem por elas, não são imediatas, são transitórias.

---

<sup>29</sup> TROTSKY, Leon. “Una vez más, ¿Adónde va Francia?”, op. cit., p. 64.

<sup>30</sup> TROTSKY, Leon. *El Programa de transición*, op. cit, p. 11.

Segundo Germain, se não temos de perder tempo explicando (elevando o “nível de consciência”), a palavra de ordem é imediata. Se temos de explicá-la (elevar o “nível de consciência”), é transitória. Outra vez, as necessidades concretas do movimento de massas não têm nada a ver com essas definições.

Se o companheiro Germain tivesse agido como um marxista (e não como um fenomenólogo), em vez de criar tanta confusão, teria pesquisado a origem dessa classificação das palavras de ordem na história do movimento de massas. Teria visto que o próprio desenvolvimento do movimento de massas se encarregou de liquidar essa divisão.

Durante a época da socialdemocracia, as palavras de ordem socialistas não estavam colocadas pela realidade objetiva porque o capitalismo não tinha entrado em decadência e decomposição. Por isso, havia dois programas, o mínimo, parcial, e o máximo, socialista. O primeiro era o programa das lutas presentes, atuais, “imediatas”; o segundo era o programa para um futuro distante. Nesse sentido, o mesmo de Trotsky, durante essa época podia-se falar em palavras de ordem imediatas, que o partido se propunha a obter – e que consistiam basicamente em exigências democráticas e mínimas –, e de palavras de ordem para o futuro, mediatas, que não estavam colocadas no presente – as bandeiras do socialismo.

Mas o *Programa de Transição* nasce justamente porque as bandeiras socialistas, fundamentalmente a tomada revolucionária do poder pelo proletariado, passam a ser as bandeiras mais urgentes e imediatas quando o capitalismo entra em decomposição, em sua etapa imperialista. Isso faz com que o velho programa máximo se torne imediato, sem que as velhas bandeiras democráticas e mínimas percam atualidade. Ocorre, então, uma combinação de palavras de ordem de diversas épocas históricas da Humanidade que respondem, todas elas, às atuais necessidade objetivas e subjetivas da mobilização das massas.

Isso, que é a própria essência da revolução permanente e do programa de transição, foi dito por Trotsky em várias oportunidades: “Entre o programa mínimo e o programa máximo estabelece-se uma continuidade revolucionária. Não se trata de um só ‘golpe’, nem de um dia ou um mês, mas sim de toda uma época histórica.”<sup>31</sup>

Vejamos outra citação:

A fórmula política marxista, na verdade, deve ser a seguinte: explicar todos os dias às massas que o capitalismo burguês em putrefação não permite a melhoria de sua situação nem sequer a manutenção do nível de miséria habitual; propor abertamente para as massas a revolução socialista como a tarefa imediata de nossos dias; mobilizar os operários para a tomada do poder; defender as organizações operárias através de milícias. Ao mesmo tempo, os comunistas (ou socialistas) não perdem nenhuma chance de arrancar do inimigo, no meio do caminho, esta ou aquela concessão parcial ou, pelo menos, de impedir-lhes que rebaixem ainda mais o nível de vida dos operários.<sup>32</sup>

Como última citação, vejamos esta, onde Trotsky, referindo-se à revolução nos países atrasados, diz:

O próprio ato de entrar no governo não como hóspedes impotentes, mas como força dirigente, permitirá aos representantes do proletariado quebrar os limites entre o programa mínimo e o máximo, ou seja, colocar o coletivismo na ordem do dia.<sup>33</sup>

Fica evidente, então, que todas essas palavras de ordem são, hoje em dia, “imediatas”. Justamente o que têm em comum todas as palavras de ordem de nosso *Programa de Transição*

---

<sup>31</sup> TROTSKY, Leon. *La Revolución permanente*. s/inf., p. 137.

<sup>32</sup> TROTSKY, Leon. *Una vez más, ¿Adónde va Francia?*, op. cit.

<sup>33</sup> TROTSKY, Leon. “Tres concepciones de la Revolución Rusa” (agosto de 1939). Em: *Escritos*, op. cit., Tomo XI, vol. 1, p. 95.

(as democráticas, as mínimas ou parciais, as transitórias e as da revolução política) é seu caráter de imediatas.

Como vemos, o fato de os quatro tipos de palavras de ordem estarem colocados de forma imediata não é determinado por fenômenos “de consciência”, mas pela situação objetiva da sociedade e pelo desenvolvimento do movimento de massas. Isso quer dizer que o imperialismo em decomposição traz mais miséria para as massas trabalhadoras e cria a necessidade de lutar contra essa miséria, pondo na ordem do dia (tornando “imediatas”) as palavras de ordem mínimas e parciais. Que o imperialismo faz retroceder as conquistas democráticas alcançadas em épocas anteriores, que recorre também a ditaduras fascistas ou bonapartistas, e põe na ordem do dia (torna “imediate”) as bandeiras democráticas. Que o imperialismo é o capitalismo em decadência e é totalmente impotente para continuar fazendo a Humanidade avançar, e põe na ordem do dia (torna “imediatas”) as bandeiras socialistas (transitórias), principalmente a tomada do poder pela classe operária. Que a decadência imperialista provoca o fenômeno da degeneração dos organismos do movimento de massas e dos Estados operários, e põe na ordem do dia (torna “imediatas”) as bandeiras da revolução política.

O *Programa de Transição* é justamente o programa que combina todas essas bandeiras para a mobilização imediata das massas, porque é uma necessidade do movimento de massas lutar por todas essas bandeiras ao mesmo tempo, combinando-as segundo a situação concreta e dirigindo-as, todas elas, para a tomada do poder pela classe operária.

### **Buscar as palavras de ordem que mobilizam**

Mas o fato de que os quatro tipos de palavras de ordem se combinem em nossos programas e estejam todas colocadas de forma imediata não significa que qualquer combinação de palavras de ordem seja correta. Para descobrir a combinação adequada a cada situação concreta da luta de classes é preciso levar em conta dois fatores: o país (sua situação econômica e política) e a mobilização concreta em que vamos atuar. Nos países atrasados gravitam mais as palavras de ordem democráticas e mínimas; e nos adiantados têm mais peso as transitórias, com exceção daqueles onde ocorrem formas bonapartistas ou fascistas de governo, quando as mínimas e democráticas passam também a um primeiro plano. Agora vejamos que relação nosso programa e nossas bandeiras têm com as mobilizações concretas sobre as quais devemos atuar todos os dias.

Segundo o fenomenólogo Germain, é preciso dar importância fundamental às palavras de ordem transitórias, porque são as que “elevam o nível de consciência”. Segundo o trotskismo, é preciso utilizar a palavra de ordem ou a combinação de palavras de ordem adequadas à mobilização concreta, para desenvolvê-la em ação para a tomada do poder para classe operária. Porque somente se colocadas no contexto da luta de classes as palavras de ordem ganham vida e, então, cada palavra de ordem pode ter consequências distintas daquelas que lhe corresponderiam por sua localização histórica. No desenvolvimento vivo da mobilização das massas, bandeiras mínimas podem ter consequências transitórias, e bandeiras transitórias podem ter consequências mínimas. Ou seja, de seu caráter histórico, de sua definição – portanto, da necessidade do movimento de massas que elas expressavam no momento em que nasceram –, não surgem para as palavras de ordem propriedades superiores à luta de classes.

A mobilização permanente da classe operária e das massas trabalhadoras é que dá significado às palavras de ordem. Existem inúmeros exemplos da contradição entre o caráter histórico das palavras de ordem e suas consequências quando aplicadas a uma mobilização concreta. Vejamos alguns.

A bandeira de paz (ou a de pão) na Revolução Russa teve consequências transitórias, ou seja, serviu para mobilizar as massas para a tomada do poder e a revolução socialista, porque o imperialismo em crise não podia fazer essa concessão. Porém, as palavras de ordem de paz e pão, “em si”, eram mínimas.

O mesmo acontece com a palavra de ordem predileta de Germain, o “controle operário”. Trotsky assinalou como, caso este se exerça através das direções burocráticas, se transforma numa ferramenta do regime capitalista e não numa palavra de ordem com consequências transitórias. Se numa greve geral, como a do Maio Francês, propomos o controle operário como bandeira central da greve, esta se transforma numa palavra de ordem da contrarrevolução burguesa ou do reformismo burocrático. Isso é assim porque desvia as massas daquilo que objetivamente uma greve geral coloca, que é o problema do poder, algo muito acima do controle operário.

Tanto a palavra de ordem de controle operário quanto qualquer combinação tática adequada de palavras de ordem de poder (governo operário e camponês, todo o poder à COB etc.) são palavras de ordem transitórias. No entanto, o resultado obtido ao aplicar uma ou outra, em um caso como esse, é completamente oposto. Germain não compreende nem a classificação das palavras de ordem com base em critérios objetivos nem percebe que todas as palavras de ordem são imediatas devido às necessidades objetivas colocadas pela decadência imperialista ao movimento de massas; nem ao menos vê que esse mesmo critério objetivo é o que deve prevalecer em sua aplicação. Ele continua com seus famosos “níveis de consciência”.

Se as palavras de ordem servem para a mobilização das massas, para aproximá-las da tomada do poder, são boas, seja qual for seu “conteúdo histórico”, já que elas se combinam com a palavra de ordem de transição fundamental: a tomada do poder pelo proletariado. Se servem para desviar as massas dessa tarefa imediata, são más, mesmo que sejam “super transitórias”.

Agora podemos passar ao grande problema que preocupa Germain: o papel das palavras de ordem no desenvolvimento do “nível de consciência”. O problema da consciência, é verdade, tem enorme importância. Elevar o nível de consciência do movimento operário é uma tarefa essencial de nossa atividade. O que questionamos é a localização da consciência em relação à definição das palavras de ordem e sua utilização. Qual é essa relação? Muito simples: nossas palavras de ordem têm de partir do nível de mobilização das massas – que expressa sua consciência imediata da necessidade que têm – para tentar elevá-lo a um nível mais alto de mobilização – que se expressará no nível mais alto de consciência. Por exemplo, se há lutas por salários em diversas fábricas, devemos partir desse nível de mobilização e desse nível imediato de consciência – “necessitamos de mais salário” – para tentar elevá-lo à greve geral por um aumento geral. Se conseguimos que a greve geral ocorra, esta levará as massas a um enfrentamento de conjunto com o regime capitalista (se este não pode conceder tal aumento) e colocará para o movimento de massas a necessidade de uma resposta política (inevitavelmente transitória), que nós devemos recheiar com uma palavra de ordem de poder, de transição.

Esse é um esquema linear, que jamais ocorreria de maneira idêntica na luta de classes, mas nos serve para explicar pedagogicamente a Germain a relação direta das palavras de ordem com o nível de mobilização das massas e, indiretamente, com seu nível imediato de consciência.

A consciência das massas se desenvolve dessa maneira, aprendendo com sua própria mobilização a partir das necessidades das quais elas já têm consciência. A etapa de decadência imperialista e de transição ao socialismo coloca como necessidade imediata para o movimento de massas a revolução socialista. Porém, a coloca num sentido histórico, para toda esta etapa que vai desde a Revolução russa até a vitória final da revolução mundial. Não a coloca para o começo de qualquer mobilização em qualquer país do mundo: coloca-a como necessidade para essa mobilização quando ela se transforme em permanente. Nosso esforço deve se concentrar justamente em dar um caráter permanente às mobilizações das massas, porque só assim elevar-se-ão à consciência superior de que devemos tomar o poder por meio da revolução socialista.

Sintetizando: nossas palavras de ordem devem servir para elevar toda mobilização a um nível superior, já que é a mobilização que eleva a consciência das massas. Esse desenvolvimento criará a necessidade de novas palavras de ordem, mais avançadas, até chegar, num processo permanente, à necessidade (e à palavra de ordem) da tomada do poder e da revolução socialista.

Tentar substituir esse processo objetivo (por meio da mobilização permanente) de elevação do nível de consciência das massas para uma consciência superior (de que devem tomar o poder) pela propaganda (falada, escrita ou de “ações exemplares”) do partido em torno a palavras de ordem que, por si mesmas, milagrosamente, “elevam o nível de consciência”, é um crime de lesa-trotskismo. O próprio Trotsky diz: “Toda tentativa de saltar por cima das etapas reais, isso é, das etapas objetivamente condicionadas no desenvolvimento das massas, significa aventureirismo político.” Essa tentativa – que efetivamente, em Germain, torna-se aventureirismo político – faz-se, do ponto de vista teórico, revisando nosso Programa de transição. Esse tem suas raízes na permanente mania de separar o objetivo do subjetivo e de hierarquizar este último elemento. Assim, o vimos acreditando de pés juntos nos planos “subjetivos” do imperialismo ou da burocracia soviética e produzindo, em série, previsões equivocadas. O vimos descobrindo as bondades de um imperialismo que desenvolve as forças produtivas e satisfaz cada vez mais as necessidades das massas. O vimos deduzindo que as massas não se mobilizarão mais contra sua miséria, mas sim pelos conflitos subjetivos criados pelo capitalismo. E o vemos agora, seguindo fatalmente os ditados da lógica, que é inflexível, garantindo que nosso programa, suas palavras de ordem e sua utilização nenhuma relação têm com a miséria e as necessidades das massas, nem com o desenvolvimento concreto de sua mobilização, mas sim com questões “de consciência”, ou seja, “subjetivas”.

Isso já não é só o revisionismo de alguns aspectos parciais do marxismo; é o revisionismo das próprias bases do materialismo histórico.

# A traição da OCI(u)

Nahuel Moreno

(1982)

[...]

## A OCI reconhece que não tem programa

No “Projeto de informe político”, afirma-se que a OCI não tem, na atualidade, um programa de transição: “[...] as outras palavras de ordem que conformarão a coluna vertebral do programa de ação que teremos de redigir.”

Ou seja, as palavras de ordem transicionais e o programa de ação ainda não foram redigidos.

Deixemos óbvio que na terminologia trotskista “programa de ação” é o mesmo que “programa de transição”: em 1934, Trotsky redigiu um “programa de ação para a França”; no programa de transição, ele retoma as mesmas palavras de ordem e, acima de tudo, mantém o mesmo caráter e método que aquele. Continuemos.

O projeto pergunta: “Estamos frente a uma tarefa que devemos cumprir: saber elaborar, sobre a base do Programa de Transição da IV Internacional, um programa de ação que responda à nova situação política entre as classes no nosso país. Podemos fazê-lo de imediato?”

A resposta é não: “É indispensável que a OCI elabore nas próximas semanas e nos próximos meses, um programa de ação. No entanto, não se trata de ser ultimativista nem de ser abstrato.”

Nisso a OCI procede exatamente ao contrário do trotskismo. Um trotskista diz: “Feita a caracterização de uma nova etapa da luta de classes, não podemos avançar nem mais um passo sem a elaboração de um programa adequado à mesma”. A OCI, em troca, coloca tudo de pernas para o ar ao afirmar que o programa é necessário, que deve elaborá-lo, mas que pode deixar essa tarefa mais para a frente, para as próximas semanas ou meses. [...]

[...]

## A política trotskista parte do fator objetivo

Nós afirmamos, junto com Trotsky, que a concepção da OCI de tomar como o ponto de partida da sua política o fator subjetivo – o que as massas acreditam – é uma concepção absolutamente revisionista, de fazer seguidismo ao atraso das massas para justificar o apoio a Mitterrand. Expliquemo-nos: no nosso artigo publicado em *Correspondência Internacional* nº 13, assinalávamos que o ultraesquerdismo e o oportunismo compartilham o defeito metodológico de só levar em conta um elemento da realidade. Para os oportunistas da OCI, esse elemento é o subjetivo, as ilusões das massas. Mas são tão oportunistas que levam em conta o outro fator subjetivo: as massas, além de ilusões, têm aspirações. As aspirações das massas francesas, hoje em dia, concretizam-se em liquidar o desemprego, tal como prometeu Mitterrand; concretizam-se em melhores salários etc. Sintetizam-se numa França socialista: por isso elegeram Mitterrand. Este traiu absolutamente todas as aspirações das massas, mas a OCI não toma, absolutamente, isso em conta ao formular sua política.

Os marxistas revolucionários elaboram sua política e palavras de ordem com base em todos os elementos – objetivos e subjetivos – que a realidade oferece, em sua relação orgânica e sua dinâmica. Mas o ponto de partida para elaborar nossa política sempre é o fator objetivo, concretamente, as necessidades das massas: baixos salários, desemprego etc. Por isso, não é casual que o Programa de Transição parta das premissas objetivas da revolução socialista. Nosso programa não parte da colocação de que as massas acreditam em Stalin, Blum ou Jouhaux, mas do seguinte: “As forças produtivas da humanidade deixaram de crescer. As novas invenções e progressos técnicos não conduzem a um acréscimo da riqueza material. As crises de conjuntura, nas condições da crise social de todo o sistema social, de todo o sistema capitalista, impõem às massas privações e sofrimentos sempre maiores” (Programa de Transição, Bogotá, Editora Pluma, 1977, p. 7).

Por outro lado, Trotsky assinala de forma muito explícita que, quando surge uma nova situação na luta de classes, devemos, em primeiro lugar, dar uma visão honesta e transparente da situação objetiva, das tarefas históricas que emanam dessa situação, independentemente de os trabalhadores estarem maduros ou não para isso. “Nossa tarefa não depende da mentalidade dos operários [...] nós devemos dizer a verdade aos trabalhadores e então ganharemos os melhores elementos” (*Discussões sobre o Programa de Transição*).

Ou seja, nossa política não depende da mentalidade (das ilusões) dos trabalhadores, mas sim de suas necessidades.

Isso significa que não levamos em conta as ilusões? De forma alguma. Este é justamente o erro dos ultraesquerdistas. Nós as levamos em conta para elaborar nossa tática, ou seja, a forma como “dizemos a verdade aos trabalhadores” de maneira que eles nos compreendam e se mobilizem.

Para explicar melhor, voltemos ao exemplo da Logabax. Ali havia um fato objetivo – centenas de operários correndo o perigo de perder seu emprego – e um subjetivo – esses trabalhadores acreditavam que Mitterrand solucionaria o problema.

Um oportunista diz com a OCI: “já que os trabalhadores acreditam em Mitterrand, devemos dar a ele o tempo que pede e não exigir a expropriação da fábrica.”

Um ultraesquerdista diz: “As demissões da Logabax demonstram que esse governo burguês não solucionará nada, é igual ao de Giscard. Abaixo o governo de Mitterrand.”

Nós trotskistas dizemos: “Contra as demissões, devemos ocupar a fábrica e exigir sua expropriação imediata, sem indenização e sob nosso controle. Vocês confiam em Mitterrand, nós não. Propomos um acordo: lutemos junto contra as demissões, ao mesmo tempo que negociamos com o governo no qual acreditam.”

Qualquer trabalhador pode aceitar essa simples colocação, mobilizar-se, lutar e ao mesmo tempo negociar com o governo. Assim, através da ação e da mobilização, compreenderá o erro de confiar no governo.

Isso nos leva a outro problema. Segundo a OCI, há de se “combater as ilusões no campo das ilusões”. Falso: colocar-se no terreno das ilusões é fazer seguidismo às mesmas, como a OCI. As ilusões só podem ser combatidas mediante a mobilização, e as massas só se mobilizam a partir de suas necessidades objetivas.



## Uma “confusão” no caráter das palavras de ordem

As palavras de ordem e as tarefas que a OCI formula são todas mínimas: nenhuma vai contra a propriedade privada capitalista, que é *sine qua non* para que uma palavra de ordem seja transicional. Um pouco mais adiante, vamos nos aprofundar no aspecto do caráter das palavras de ordem. O que assinalamos aqui é que a falta de palavras de ordem transicionais entre as que a OCI levanta (nos referimos às que levanta de forma sistemática) [...] atentar contra a propriedade privada capitalista significa dirigir-se contra o governo burguês, e isso é o que a OCI quer evitar a todo custo.

Uma das razões que colocam para não levantar palavras de ordem transicionais e de governo nesta etapa, a do camarada Luis Favre na sua intervenção frente a uma plenária conjunta da Convergência Socialista e da Organização Socialista Internacionalista do Brasil. Diz Favre:

Um camarada disse que para propor uma política é necessária uma palavra de ordem de governo. Agora vejamos, essa palavra de ordem de governo tem um caráter de agitação ou de propaganda? Se o problema de derrubar o governo está na ordem do dia, o caráter desta palavra de ordem é agitativo, é um chamado imediato à ação das massas para derrubá-lo. Se do que se trata é de uma perspectiva, a OCI afirmou em vários editoriais que se pronuncia por um governo PC-PS sem ministros burgueses. (transcrito da gravação efetuada na reunião)

Começando pela última afirmação de Favre, é verdade que em vários editoriais de IO, assim como no “Projeto de informe político”, a OCI se pronuncia por um governo PS-PC sem ministros burgueses. Mas o faz de forma abstrata, ritual: ao negar-se a levantar “fora os ministros burgueses”, a palavra de ordem por um governo PS-PC se converte numa bandeira para agitar nos dias de festa e num lema que em nada inquieta o governo burguês.

Segundo Favre, as únicas palavras de ordem que devem ser agitadas são aquelas que servem para mobilizar as massas de forma imediata. Isso é um erro: agitação e ação imediata não são sinônimos. As palavras de ordem agitativas são as três ou quatro ideias fundamentais que apresentamos ao movimento de massas de forma constante, independentemente de que este se mobilize por elas imediatamente.

A OCI nos deu o melhor exemplo disso. Em 1974, lançou sua palavra de ordem “Derrubar Giscard”; as massas derrubaram eleitoralmente Giscard em 1981. Ou seja, passaram-se sete anos; mas durante estes sete anos, a OCI jamais deixou de agitar essa grande reivindicação, concretizada em palavras de ordem como, “unidade PS-PC para expulsar Giscard”, “votar em Mitterrand” etc. [...]

[...]

## O caráter do nosso programa de transição

O *Programa de Transição*, esse programa que a OCI se nega, de forma explícita a formular, tem uma série de características essenciais como veremos, sinteticamente, a seguir.

O trotskismo não tem dois programas, tem somente um. A social-democracia, como a OCI hoje, tinha dois programas. Um chamado “mínimo”, estava composto por reivindicações reformistas, ou seja, aquelas que o regime capitalista podia conceder sem pôr em perigo sua dominação. O outro programa, o “máximo”, incluía as palavras de ordem que eram contra a propriedade privada capitalista e colocava o problema do poder de forma direta. A agitação

da social-democracia se baseava no programa mínimo; as palavras de ordem contra a propriedade capitalista e pela conquista do poder ficavam relegadas aos “dias de festa”, aos discursos no 1º de Maio etc.

O trotskismo tem um só programa, porque as palavras de ordem contra a propriedade privada capitalista não são guardadas para os dias de festa. Ao contrário, são suas palavras de ordem fundamentais. Considera que os objetivos que a social-democracia relegava ao programa máximo – a conquista do poder, a expropriação da burguesia, a instauração da ditadura do proletariado – são tarefas urgentes, imediatas. A crise do sistema capitalista significa não somente que a burguesia não pode dar novas concessões, mas que sequer pode manter as existentes, muitas das quais foram conquistadas há décadas pelo movimento operário.

Devido a isso, já não existem palavras de ordem máximas e mínimas. Qualquer reivindicação operária, por mais elementar que seja, é revolucionária, porque questiona a propriedade capitalista e, como consequência, o poder político da burguesia. Muitas tarefas que o movimento operário tinha colocado para serem realizadas dentro do sistema capitalista devem ser resolvidas pelo socialismo. Por exemplo, o problema do emprego e do nível de vida: o capitalismo não pode garantir trabalho e vida digna para a imensa maioria da humanidade. Por isso, essas reivindicações requerem a implantação da escala móvel de horas de trabalho (distribuição do trabalho existente entre toda a mão de obra disponível) e a escala móvel dos salários (aumento automático dos salários de acordo com o aumento do custo de vida). Essas tarefas não são reformistas, mas transicionais, porque só o governo do proletariado pode realizá-las a partir da planificação socialista da economia.

Isso não significa que o partido trotskista não lute por tarefas reformistas: um pequeno aumento de salários, a expulsão de um capataz abusivo de uma fábrica etc. Ao contrário, agita de forma contínua uma infinidade de palavras de ordem como essas, que não vão contra a propriedade privada capitalista. Mas o método do programa exige que tais palavras de ordem jamais sejam colocadas de forma isolada: expulsão do capataz e ponto. Pelo contrário, essas palavras de ordem são muito úteis para iniciar uma mobilização, mas buscando que a referida mobilização não se detenha. Por isso, combinamos a palavra de ordem “reformista” com outras cada vez mais audazes para que a mobilização não se detenha: da expulsão do capataz à expulsão de todos os capatazes, logo, do dono da fábrica, à expropriação da mesma, à imposição do controle operário.

Em síntese, o trotskismo jamais coloca suas palavras de ordem de forma isolada nem anárquica. Cada palavra de ordem é parte de um sistema que pode partir de uma tarefa sentida pelas massas, mas levando sempre ao questionamento de todo o regime.

Voltemos ao exemplo anterior da Logabax: há demissões, mas os trabalhadores confiam no governo. A OCI coloca, baseando-se neste último, que a única tarefa é negociar com o governo; nós, os trotskistas, não estamos contra negociar; mais ainda, já que os trabalhadores confiam no governo, negar-se a negociar seria uma política ultraesquerdista estéril. Mas de forma alguma nos limitamos a negociar. Nossa política é: “Negociemos com o governo. Enquanto isso, *ocupemos a fábrica e imponhamos o controle do Comitê de Empresa e a distribuição do trabalho disponível entre todos*. Aqui há mil operários trabalhando oito horas diárias. A patronal quer demitir quinhentos. Proponhamos que continuem trabalhando os mil, quatro horas sem redução de salário.”

Esta é a essência do programa transicional: o encadeamento dinâmico das palavras de ordem, desde as mais elementares até as anticapitalistas, para originar a mobilização permanente dos trabalhadores contra o sistema e o regime.

## **Os eixos do Programa de Transição**

As características mencionadas conformam, de conjunto, um aspecto do programa, mas não o esgotam. Esse método se apoia em três pilares distintos, mas intimamente ligados entre si: o problema do governo, o das instituições do Estado e a superação da crise de direção revolucionária do proletariado.

Já que o objetivo presente e imediato do trotskismo é a conquista do poder, nenhum programa pode considerar-se transicional se não incluir uma palavra de ordem de governo. Referimo-nos a uma palavra de ordem concreta, ou seja, qual é a superestrutura operária que deve entrar no lugar da superestrutura burguesa e quais são os passos a serem seguidos para alcançá-la? Isso significa levantar palavras de ordem como “o governo do PS e do PC”, que deve ir acompanhada, no caso da França, com “fora os ministros burgueses”. Na Argentina, para dar outro exemplo, colocamos “fora o governo militar, convocar imediatamente uma assembleia constituinte com liberdade para os partidos operários”. Na Espanha ou na Inglaterra, diríamos “abaixo a monarquia”, acompanhada da palavra de ordem da assembleia constituinte ou outra adequada.

Diferentemente do problema do governo, que se baseia nos partidos políticos, o problema do Estado burguês se baseia nas instituições: presidência, ministérios, parlamento e a mais importante de todas, as forças armadas. Frente a esta estrutura de Estado, o trotskismo sempre coloca uma estrutura do tipo soviética, baseada nas organizações operárias de base.

O terceiro pilar, que constitui o eixo central do programa, é a superação da crise de direção revolucionária do proletariado. Isso implica na crítica constante e brutal dos partidos operários contrarrevolucionários, agentes do capital no movimento operário, e às burocracias sindicais. Simultaneamente à luta para esmagar, varrer, massacrar as direções traidoras, construímos o partido revolucionário, que só pode ser um partido trotskista.

Toda a atividade do partido trotskista se baseia no método e nos eixos mencionados. Em outras palavras, nunca levantamos uma palavra de ordem isolada ou um conjunto anárquico de palavras de ordem, mas sim um sistema de palavras de ordem que leve a classe operária às seguintes conclusões: que a solução de todos os problemas, por mínimos que sejam, exige a insurreição contra o governo burguês e a conquista do poder pelo proletariado; que isso exige a construção de uma direção revolucionária, derrotando os partidos operários traidores.

## **O reformismo da OCI**

Por tudo isso dizemos que a política da OCI é absolutamente reformista, a serviço do campo de Mitterrand.

Em primeiro lugar, todas as palavras de ordem e as tarefas que coloca são as mesmas do governo burguês, com a inclusão de alguns lemas extraídos do Programa de Transição, que aparecem na sua imprensa colocados de forma abstrata e por motivos puramente rituais.

Em segundo lugar, ao não estarem ligadas às reivindicações transicionais e ao problema do poder, não constituem um programa, mas sim uma soma de palavras de ordem anárquicas, sem hierarquização nem vinculação entre si. Ou seja, são todas palavras de ordem mínimas que não questionam a propriedade privada capitalista nem o poder burguês, por mais que algumas delas tenham sido extraídas textualmente do Programa de Transição.

Finalmente, como é demonstrando no exemplo da Logabax (e muitos outros exemplos que não citamos para não nos estendermos muito), o método da OCI não é a mobilização, mas

sim a negociação. Insistimos que os trotskistas não se opõem à negociação. Porém para nós o fundamental é a mobilização das massas, e nesse marco negociamos com a patronal ou o governo, do momento e nos termos que a correlação de forças nos obriga a isso. Para a OCI e todos os reformistas, em troca, o fundamental é a negociação, e nesse marco as ilusões das massas podem obrigá-los a chamar uma ou outra vez à mobilização.

[...]